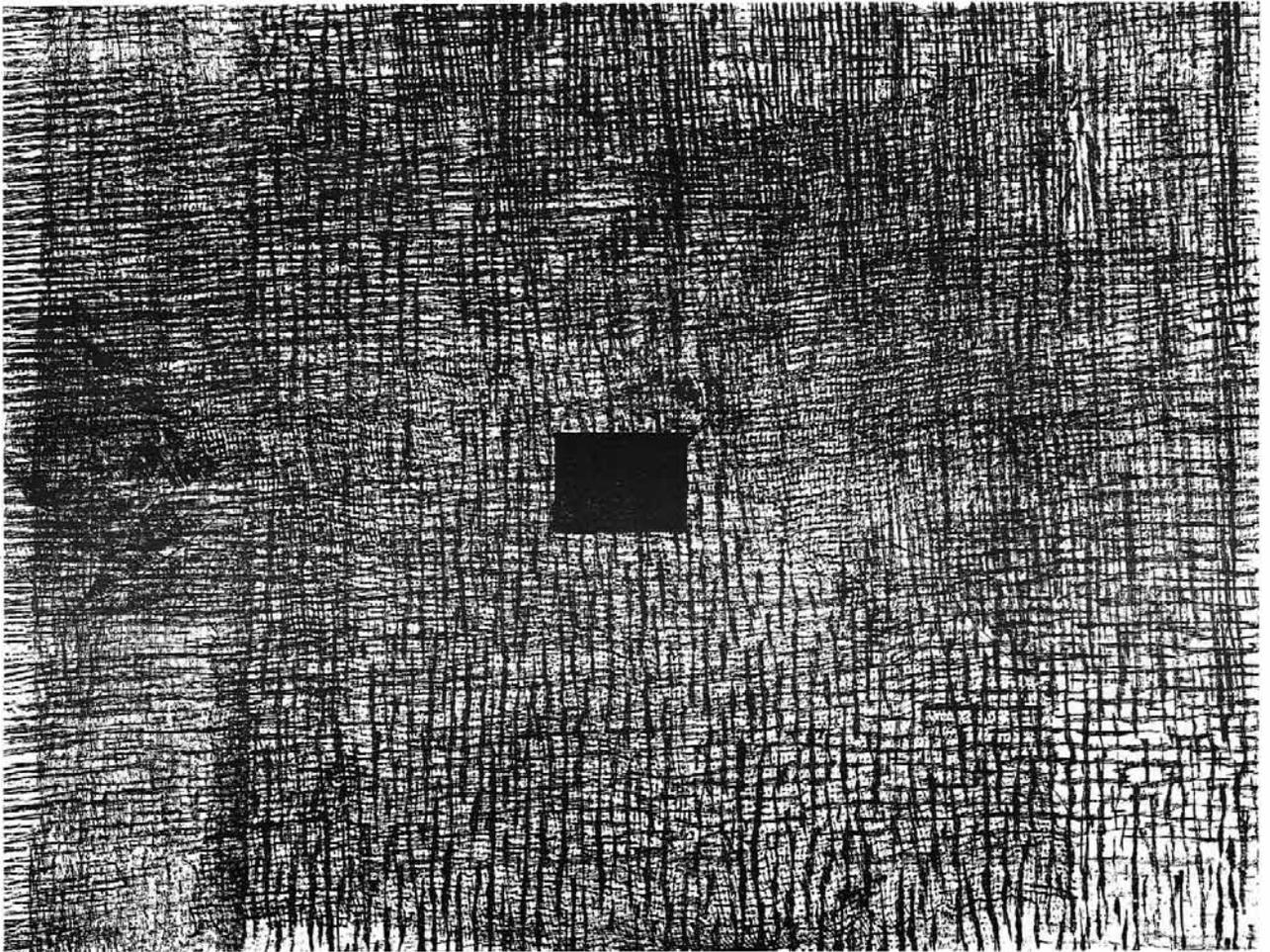


# inicial



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

ANO III - Nº 20

joão manuel simões *sebastião laroca* wilson bueno *orides fontela* eduardo mascarenhas *foca*  
guinski *cleverson andreolli* eliane prolik *valêncio xavier* malu maranhão *caco rettamoço*  
struminski *marlene zanin* vicente michalizen *lais correa de araujo* rui sutil *dico kramer*  
*josely vianna baptista* rodrigo garcia lopes rosa amanda strausz *marcos losnak* vera andrion  
arthur rimbaud *luiz stinghen* rita brandt *regis osternak* eliane eme sato *domingos pellegrini*  
jandyra kondera *miguel sanches* reinoldo atem *luiz munhoz* ernani buchmann *neri gonçalves*  
anamaria filizola *jaime lechinski* lilian rothert *amilton oliveira* rita maria de jesus

A proposta de um jornalismo ágil, instigante e perturbador continua sendo a nossa profissão de fé e a nossa marca, a nossa senha. Sendas que, nesta edição, se cruzam e se completam — desde o vivo *Mosaico*, em que a questão ecológica é posta na mesa sem meias palavras, minúcias da denúncia, até a fala sem papas na língua, do cientista Sebastião Laroca. Estão matando os nossos mares, nossos rios e o nosso chão. Nicolau se soma aos esforços da imprensa brasileira neste verdadeiro "despertar de consciências" para um problema que, se não resolvido a tempo, comprometerá irremediavelmente o futuro. Restará céu onde guardar estrelas?

Nos embalos de fevereiro, seguimos em frente no viajante relato de Miguel Sanches, aventuras & fissuras por trilhas peruanas, caminhos, ônibus, adeus, saudades e trens; com Rimbaud, umas fênas no inferno, em antológica transcrição de Rodrigo Garcia Lopes e Mauricio Mendonça, *hommage* pós-tudo ao gênio francês que sacudiu o pó e a pasmaceira, subvertendo os códigos de seu tempo. *Beat, kid, on the road*.

Em *Trz*, a densa palavra feita poema de três mulheres, em triplice flagrante de vida: Ondes Fontela, Lais Correa de Araújo, Jandyra Kondera. Na prosa, o amor segundo Jean Genet, com que Marcos Losnak, de Londrina, marca presença em Nicolau. No ensaio, a minuciosa investigação de Anamaria Filizola sobre os poetas africanos de língua portuguesa e a revelação de uma arte a serviço das urgências do presente.

E entre outras, mais: amores e narcisos no divã de Eduardo Mascarenhas, Zequinha em Nicolau, na coleção de Valêncio Xavier, João Manuel Simões, no destaque à contracapa, em poemas de burlada alquimia.

Wilson Bueno

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ  
ALVARO DIAS

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
RENÉ ARIEL DOTTI

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO  
LUIZ CARLOS BARBOSA

CURITIBA, FEVEREIRO DE 1989  
ANO III — Nº 20  
publicação mensal com tiragem de 76.000  
exemplares  
distribuição gratuita

REDAÇÃO  
WILSON BUENO editor  
JOSELY VIANNA BAPTISTA editora-assistente  
RODRIGO GARCIA LOPES

REVISÃO  
AMILTON P. DE OLIVEIRA  
ELIANE EME SATO  
RITA MARIA DE JESUS

PROGRAMAÇÃO VISUAL  
LUIZ ANTONIO GUINSKI direção de arte  
RITA DE CÁSSIA SOLIERI BRANDT  
LILIAN BEATRIZ ROTHERT

REDAÇÃO: Rua Emanoel Pereira 240  
Curitiba — Paraná — CEP 80410  
Tel. (041) 225-7117 TELEX 416245

— Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

— A editoria de Nicolau se reserva o direito de publicar ou não matérias não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.



Neste número, Nicolau coloca em cena a questão da Ecologia, tema motriz de nosso Mosaico. Jornalistas, ecologistas e estudantes refletem aqui (nas mais diferentes visões) essa questão — hoje essencial para todos os que querem fazer deste planeta um lugar mais habitável

## ECOLOGIA E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

A especulação imobiliária é hoje um grande gerador de desequilíbrios em nossa sociedade, sejam elas alterações ecológicas, econômicas ou sociais.

Independente do modelo de alteração que provoque, quase sempre todos estes desequilíbrios acontecem ao mesmo tempo, com a especulação imobiliária prejudicando milhares de pessoas em detrimento de uma meia dúzia interessada apenas em lucros imediatos. No livro *Como Fazer Movimento Ecológico*, de Carlos Minc (deputado estadual pelo Partido Verde, RJ), mostra que em 7 estados brasileiros (entre os quais o Paraná) um dos maiores problemas ecológicos é o da especulação imobiliária.

Exemplos não faltam, como o caso do litoral paulista, que através de um processo desordenado de ocupação, acabou praticamente destruído e poluído. No período de desmoronamentos, em viagem ao Rio e a Petrópolis, constatei o incrível absurdo que a especulação imobiliária criou: casas e mansões construídas em morros totalmente desmatados e íngremes.

No final, quem arca com os prejuízos são os proprietários e a comunidade local.

Fica aqui, mais que uma denúncia, um apelo às autoridades competentes, solicitando providências para que nossos bens naturais não virem simples quotas ou lotes na mão de qualquer especulador imobiliário.

**Luiz Renato Munhoz** — Vice-presidente do Movimento de Ação Ecológica (MAE).

## MONTANHISMO E QUESTÃO ECOLÓGICA

O montanhismo sempre foi tido como um esporte de aventureiros e amantes da natureza. Este mito foi em boa parte desfeito durante o congresso *Wilderness Mountain* (Montanhismo Selvagem), realizado em Biella (Itália) durante o ano de 87. No evento, montanhistas de todo o mundo se reuniram para tratar dos mais diversos assuntos: da poluição à proteção da montanha, da ética à nova estética do esporte.

Os problemas debatidos no congresso, dirigidos principalmente para o âmbito de montanhas altas (Himalaia, Andes, Alpes), poderiam ser facilmente estendidos para qualquer região montanhosa do mundo, entre as quais a Serra do Mar e parques nacionais e estaduais, lugares onde se pratica o montanhismo no Brasil. É fácil perceber que a infra-

estrutura — muitas vezes até inexistente nestes locais —, não comporta o aumento de visitantes (excursionistas) ou frequentadores (montanhistas), o que provoca uma degradação e depreciação da paisagem.

Pode-se esperar que, à medida que a situação evolua, algumas (tímidas) atitudes oficiais sejam tomadas. Porém, a responsabilidade de discutir as questões conflitantes do esporte e a busca de soluções reside no próprio montanhismo, a exemplo do que aconteceu na Itália.

A montanha é um ecossistema frágil e um recurso que não pode ser considerado renovável. O montanhista do Paraná, razoavelmente desatualizado quanto às técnicas de acesso às montanhas e desinformado da evolução da ética do esporte, continua a praticá-lo de forma predatória, abrindo caminhos apenas para realizar competições, poluindo a montanha com seu lixo e escalando sem objetividade.

A ética de montanha, iniciada nos anos 60 no Parque Nacional Yosemite (EUA), com o *clean climbing* (escalada limpa), que valorizava o sentido de aventura frente a um problema desconhecido e a não-agressão à montanha, precisa chegar ao Paraná. A Serra do Mar tem poucos defensores.

**Edson Struminski (Du Bois)** — montanhista e estudante de Engenharia Florestal da UFPR.

## LIXO DE JAPONÊS

Em 1987, quando estive no Japão a convite do governo japonês, tive uma das experiências mais ricas de minha vida. Era a oportunidade de conhecer de perto outra civilização.

De tudo o que pude observar e conhecer, algumas coisas ficaram marcadas em minha memória. Uma delas foi um piquenique. Num dia de sol, por volta das 10 da manhã, saí com duas mães de família e mais umas dez crianças da redondeza. Depois de mais ou menos uma hora de caminhada, paramos nas margens de um rio, cuidado especialmente para o lazer. Na hora de ir embora, por volta das 5 da tarde, o que me chamou a atenção foi o fato de todo mundo sair recolhendo o lixo e colocando-o em sacos plásticos. Assim, levamos o lixo para casa, pois não havia lixeiras no local. Tudo com a maior naturalidade. Por que não seguir o exemplo em nossas praias e parques, na Ilha do Mel ou Na Serra do Mar? Seria civilizado demais? Seria pedir muito, sonhando tão pouco?

**Marlene Zanin** — ex-secretária municipal do Meio Ambiente.

**nicolau**



CAPA: Xilogravura de  
WILMAR NASCIMENTO

## FELIZIDADE

A boa urbe tanto pode para um quanto para dez milhões.

Central Parks, Iguaçus e Bariguís ao alcance do homem a pé, transporte dignificado para o dia-a-dia do coletivo, automóvel civilizado para o lazer e as emergências do individual, a mega urbe pode ser bonita, e respirável, por inteiro.

Com os rios ninguém mexe, correm sinuosos e protegidos por boa vegetação, livres das retificações assassinas, caríssimas, e só capazes de aumentar a velocidade da água e potencializar as cheias lá adiante.

A boa urbe prevê o melhor e provê a tempo, em paz com o morro, respeitosa com o mar.

Vias hierarquizadas, uso democrático do solo, a boa urbe não boicota a informação, antes se faz transparente na matemática de só tirar de cada um o que é para ser dado a todos.

Conciliação da fábrica com o passarinho, informática acessível a todos no combate aos atropelos e andanças desnecessárias, a boa URBE se faz com direitos de felicidade. É quando a felicidade da poeta Alice Ruiz pode ganhar do concreto de 10 milhões.

Jaime Lechinski — jornalista.



## VIDA EM DESEQUILÍBRIO

Que tempos são esses, que falar de ecologia é necessidade? Que papo é esse, que saiu da roda de cerveja no boteco, do meio de um bando de cabeludos, daquele grupo de vegetarianos? A Ecologia virou pano de fundo da política planetária. E dizem que é até universária, cósmica, numa visão bem mais holística.

É que a situação de emergência vital do planeta exige seriedade na matéria. E a Ecologia toma um ritmo de denúncia-alerta para os abusos que a sociedade industrial vem cometendo. Alguns exemplos claros da gravidade da situação estão em nosso dia-a-dia: acúmulo de lixo (radioativo, hospitalar, industrial e doméstico) que provocam doenças, acidentes nucleares, desmatamentos, destruição de camada de ozônio, etc.

É óbvio que devemos nos engajar na macropolítica ecológica da preservação, da recuperação e da conservação do meio ambiente. Mas tem uma coisa que me intriga. O fato do SER (?) humano estar perdendo sua atitude de veneração e respeito, da relação com a natureza como algo sagrado, divino (sem medo de arriscar nos termos).

Mas outro ponto nevrálgico é falar de equilíbrio e reequilíbrio. Vou arriscar, porque W. Reich já meteu a boca no microfone, alertou e acabou sendo

preso e torturado: é nítido perceber a onda de desequilíbrio corporal-mental-espiritual que vigora nesse tempo. Por isso acredito que a luta pelo equilíbrio ecológico deve começar pelo autocuidado. Micropolítica do corpo, da mente e do espírito. No que convergem todas as escolas filosóficas do Oriente.

Os bichos escrotos? Acho que muitos já saíram dos esgotos, ganharam as ruas, duas pernas e um colarinho branco. Andam livres e impunes pelos gabinetes dos altos comandos. Trocaram as botas pelo terno e gravata.

Vicente Michalizen — técnico ambientalista e estudante de Agronomia da UFPR.

## ECOLOGIA NAS MÃOS DE BUROCRATAS

Extinção do IBDF, assassinato de Chico Mendes, 67 quilômetros por dia de desmatamento oficial na Amazônia, proliferação de indústrias com grande potencial poluidor etc.

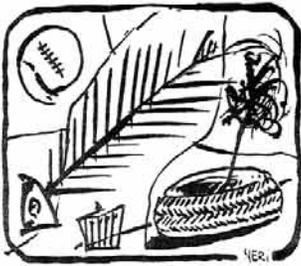
Vivemos uma situação ambiental tão carente de cuidados que até mesmo as exigências ambientais têm vindo de organizações internacionais, trazidas pelo vácuo de irracionalidade e de irresponsabilidade da nação. Enfim, qual o objetivo das alterações administrativas na área do meio ambiente que este governo pode ter? Falta de credibilidade à parte, qual a avaliação administrativa destas reformas?

Em primeiro lugar, resolve o problema do jacaré na margem do rio, cujo rabo fica sob a responsabilidade da Sudepe e o corpo a cargo do IBDF. Cria-se, com a unificação, uma única autoridade ambiental a nível federal. Onde deve-se localizar, na estrutura do poder, esta autoridade? Alguns defendem um gabinete acima dos demais, ligado diretamente à Presidência da República. Outros propõem um ministério exclusivo ou ainda ligado à área do Planejamento.

Existem dúvidas também em relação a outras definições que ainda deverão ocorrer. A estrutura do IBDF é formada por delegacias regionais, portanto fortemente centralizada.

Finalmente, é possível acreditar em uma mudança de postura política do governo em relação ao meio ambiente? A informação será democratizada, vão haver canais de participação na sociedade civil, se buscará um modelo de desenvolvimento onde a preservação seja condição básica? Fica então a pergunta: onde o Estado está querendo chegar com estas reformas?

Cleverson Andreoli — ecologista.



# MIRANTE



## ARTE TORNA À ARTE

Texto elaborado a partir das aulas do professor e artista plástico Luciano Fabro, um dos idealizadores da "Arte Povera", importante movimento artístico italiano dos anos 60. Fabro é professor da Accademia di Belle Arti di Brera e da Casa degli Artisti, em Milão.

Historicamente, mesmo em suas crises, a arte sempre manteve relacionamento estreito e de interesse com a sociedade. A cultura surgia com as obras de arte. Os indivíduos esperavam receber instrução das obras, não uma cultura sobre a arte mas, cultura geral. Existia atenção para com elas, e as próprias obras absorviam esta preocupação e crítica em torno de si.

Após a Revolução Francesa, os artistas ficam isolados e a arte não é mais um problema da sociedade. A relação tensa entre artista e mundo se modifica em Arte de Vanguarda. Numa época de transformações, a sua estratégia não era apenas a colocação de inovações formais ou de conteúdo, mas o jogo de antecipação. É antecipar à sociedade em transformações aquilo que sucederá, um certo sentir e um novo comportamento. Provocar a sociedade dava à Vanguarda o direito de arriscar, ir a frente para descobrir uma nova situação e superá-la. A Arte Moderna ou de Vanguarda se propôs a fazer este jogo, mas o artista não conseguiria sozinho este estratagemas. O público contribuía para isso, mesmo que as inovações, a primeira instância, provocassem nele reação contrária. Podemos dizer que este esforço durou quase dois séculos: de 1800 a 1960.

Finalmente nos anos 60 a sociedade se sente moderna e toma consciência do seu "ser em movimento", agora nada devia resistir ao progresso, sim, favorecê-lo. Os *mass media* se desenvolvem automática e anarquicamente com seus novos tipos de mensagens. A arte dos anos 60 cria obras e conceitos difíceis de controlar, de prever como situação de amanhã. Não há mais certeza do futuro ou a noção de uma perspectiva. Pensa-se em resolver os problemas que surgem a curto prazo, o pensamento do imediatismo. A arte abandona o seu sentido de vanguarda, do amanhã e torna-se o "senso do fim". A sociedade cria para si um distanciamento.

O artista, hoje, não tem e nem percebe a relação com a sociedade. A arte vive suas crises existenciais. A moral da atualidade é aquela do bem-feito, do útil e do bom funcionamento, e a arte deve sobrepor-se a esta sensação de imposição. A arte explode com o problema da função e o deixa a parte, criando capacidade de vida em torno de si própria. Uma capacidade de regenerar a autonomia do seu próprio conceito de arte.

Fazer uma obra é colocar um novo jogo sobre a arte. O conceito de bem e de belo aparecem como uma certa moralidade. Um ato moral que exige fratura, e resolvida esta fratura, chega-se ao momento estético.

Este conceito de moralidade da obra não existe em ampla esfera na sociedade, então ela mesma cria sua esfera moral, uma idéia única que se torna moral em si mesma. Quando se coloca uma idéia em um trabalho não existe regras gerais, o fazer bem ou mal, usar isto ou aquilo. Deve-se inventar uma moralidade dos materiais, sua utilização, que não é a geral mas, a daquele material em uso, que também não é a nossa moralidade frente às obras, mas a de encontrar uma precisão para aquele gesto e aquela ação em relação aquela determinada coisa. Um determinado senso que devemos avaliar dentro da situação específica. A obra então cria uma sintaxe e não uma síntese, para chegar a um discurso.

Uma obra de arte hoje tem algo que nos prende, ela não representa, é sem objetivo de fundo, mas é feita de tantos significados que a um certo ponto eles criam um discurso, que provavelmente não funciona fora daquela obra. A obra chega a ser obra sem poder ser aplicada em outra coisa. Ela é recebida e lida em particular.

As obras são monadas, comportamentos de mundos fechados em si mesmos. Não estão fechadas para a comunicação, o acesso existe para quem quiser ingeri-las, mas não pode transportá-las facilmente. A obra criou esta barreira em torno de si, de modo a permanecer sempre ela mesma, em resistência. Por mais que o artista tenha sua força de trabalho diminuída e o seu fazer complicado, quando a obra surge há nela sentido e razão de ser. A monada é a singularidade e a solidão da obra, sua impossibilidade inclusa nesta complexa situação do mundo e da arte.

# HASTA MAÑANA PERU

MIGUEL SANCHES NETO



O Peru: misteriosa pérola inca encravada no coração de Amaru. País com um passado de saques, sangue e cobiça espanhola, pode ser hoje a ilustração mais perfeita de uma latinidade pós-moderna: tesouros abandonados, turistas japoneses entre hieróglifos incas, inscrições indecifráveis, latas de coca-cola espalhadas *nel mezzo del camin* por onde antes fugiram Manco e sua tribo da ira de Pizarro. Neste diário de bordo, Miguel Sanches viaja entre lhamas e pirados, florestas silenciosas e geleiras, e traz para nós sua aventura em plagas peruanas. Com o fantasma de Cortéz sorrindo atrás das montanhas.

Não participamos do movimento *hippie* das décadas de 60 e 70, do *flower power*, que descobriu numa outra América, mística e rudimentar, o antídoto para a industrialização capitalista. Mas, hoje, minha geração trilha as mesmas sendas percorridas outrora, na ânsia de encontrar os passos perdidos.

O Peru, com sua cultura autóctone, ainda é uma das fontes da identidade latino-americana que campeamos. Para beber desta fonte, ocupamos os assentos de um vagão de segunda classe e partimos rumo ao império inca, reinaugurando a antiga rota *hippie*.

## NÓS E ELES

Nós entramos na terra de Manco Capac, Simón Bolívar e Tupac Amaru. Eles entraram na terra da aventura. Comemos frutas do lago sagrado Titicaca e tomamos chá de coca. Comeram pizza e beberam coca-cola. Mas não havia diferença palpável entre as duas facções: éramos todos turistas, segundo os passaportes.

## O TREM DA MORTE

Ajeitamo-nos entre bugigangas e bolivianos, muito mais cacarecos do que gente. Na falta de outro espaço, a bagagem ficou pendurada acima de nossas cabeças. Com o oscilar do trem ela ia e vinha, feito um pêndulo a cronometrar a viagem. Fiz amizade com o soldado Caballero e logo fiquei sabendo que a maioria dos passageiros era mercador, que fazia um percurso de 45 horas, ida e volta, para comprar uma infinidade de produtos em Corumbá e vendê-los clandestinamente em Santa Cruz de la Sierra.

De tempo em tempo, lugarejos eram divisados da janela do trem. Parada na certa. Crianças com uns olhinhos de desolação ofereciam suco de laranja, carne assada e outras coisas, enquanto os homens desciam para um entreto de "mijação" pública, pois os banheiros estavam abarrotados de mercadorias.

Quando escureceu ficou difícil andar pelo corredor pisando somente sobre as bugigangas: uns gemidos, despertados pelas solas dos sapatos, nos faziam lembrar que havia gente dormindo pelo corredor.

Antes de chegar a Joberé, o trem descarrilou. Eram 22 horas e estávamos

sem luz, no meio de uma quicença danada. Com isso, a viagem perdeu o compromisso do horário e em vez de chegarmos às 8 horas, como estava previsto, chegamos ao meio-dia.

Na entrada de Santa Cruz, os meus companheiros de viagem começaram, alucinadamente, a atirar as mercadorias pelas janelas. Depois que passou o susto, compreendi que queriam evitar a revista da aduana e os ajudei naquela tarefa ilegal. Os pacotes eram apanhados por comparsas.

## CENÁRIO

O altiplano andino está a 4.000 metros acima do nível do mar. É um deserto onde só lhamas e bolivianos conseguem sobreviver. Dois mil metros acima estão as geleiras perpétuas que fazem o cenário parecer uma montagem fotográfica. Uma dicotomia inconcebível aos nossos olhos acostumados com paisagens tropicais.

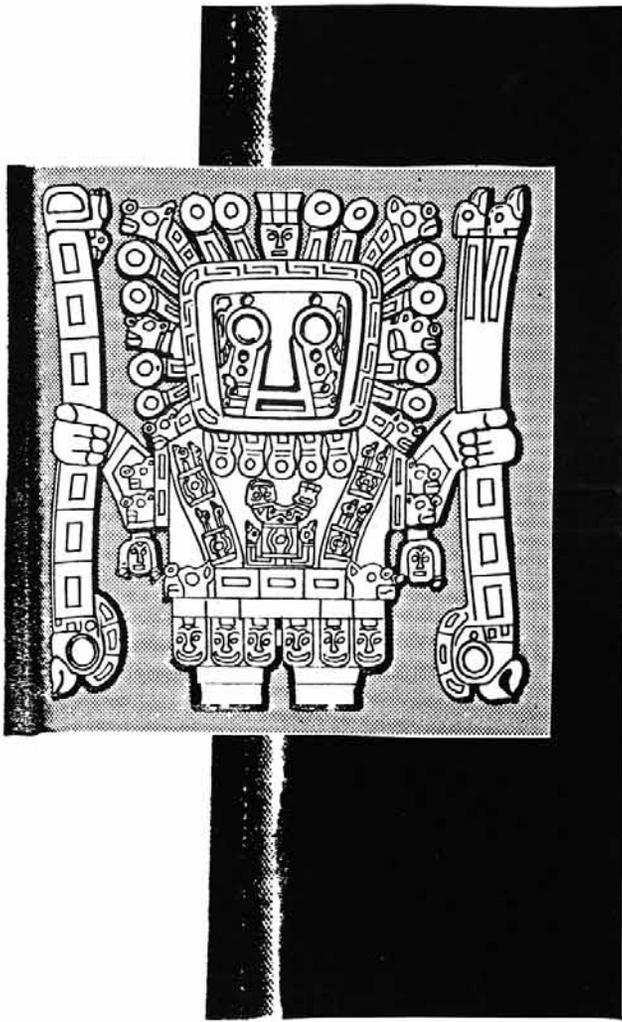
As casas são rústicas, feitas de blocos de barro cru que, além de serem baratos, possibilitam temperaturas adequadas ao clima: fresca durante as horas quentes do dia e cálida quando os frios ventos noturnos assopram.

Os aimarás são parte íntima deste cenário inóspito. E é exclusivamente desta aridez que eles tiram o seu sustento. Os camélídeos (lhama, alpaca e vicunha) são as principais fontes de renda. No mais, tudo é estéril, até os olhos parecem secos. Lembro de um trecho da obra de Octavio Paz: *No hay agua pero brillan los ojos*.

## TIAHUANACO, FORJADOR DE CIVILIZACIONES

A cidade sagrada de Tiahuanaco, que faz parte da cultura quíchua, que é peruana. Essa é a tese de José de la Riva Agüero, que situa a origem dos incas e Tiahuanaco, onde Viracocha, o Fazedor do Universo Indígena, era adorado. Segundo José de la Riva, em certo momento, os collas (atuais aimarás) dominaram todo o altiplano, expulsando os paleoquíchuas que se instalaram em Pacaritambo — berço da civilização inca. No entanto, os bolivianos afirmam que foram os collas os construtores da cidade sagrada.

Hoje, há pouca coisa nas ruínas: *los ídolos de piedra* (imensos monólitos), a *Puerta del Sol*, *El Templete* (construção semi-subterrânea, que tem as paredes adornadas por cabeças de pe-



dra) e outros monumentos totalmente desfigurados. Mesmo assim, dá para imaginar a grandeza de quem ali residia.

Tiahuanaco vive em completo olvido. Não há quase ninguém trabalhando na restauração e investigação. Os empresários do minério não se interessam em resgatar a história do nosso continente, apenas exploram suas riquezas materiais. Enquanto isso, os monólitos continuam a olhar os turistas com olhos enigmáticos.

#### PARADA OBRIGATÓRIA

O Departamento de Puno é o portal do Peru para os que fazem a viagem econômica por terra, via Bolívia. E foi em Puno que tomamos a primeira lição de América Latina: hora e meia de lancha, lago adentro, fomos encontrar os *pueblos* de Uros, que vivem exclusivamente da fauna e da flora do Titicaca. Com a *rotora* (uma planta aquática) eles constroem as casas, os barcos e as próprias ilhas, que são flutuantes. Comem peixes e aves. Mesmo com tanto território ocioso preferem viver insulados. O piloto da lancha explicou-me: "São preguiçosos. Fugiram da cultura espanhola, que queria obrigá-los a trabalhar. Nasceram e morrem nestas ilhas".

#### NOSSO AMIGO CHE

Ao nosso lado viajava um casal de belgas, que há questão de um ano havia abandonado tudo para poder andar pela América. No banco de trás ia um grupo de estudantes paulistas, amigos recentes. Che Guevara ainda é o paradigma para muitos desses jovens, que viajam em busca de não sei o quê, e que retornam com certeza de que as coisas não podem ficar como estão.

#### UM SUSTO EM CUSCO

Pela *Calle del Sol* inauguramos Cusco, centro do império inca, cidade onde as arquiteturas espanhola e incaica formam uma paisagem dual. Construções coloniais feitas sobre as ruínas, ou com pedras retiradas delas, simbolizam a tentativa de ocultar a cultura silvícola. Porém, entre o povo, o *quíchua* é mais falado que o espanhol — talvez como estratégia de defesa. *La madre tierra*, *Pachamama*, tem um significado religioso tão importante quanto o deus católico.

Em Cusco, perdemos a liberdade. Durante dois dias ficamos detidos, entre aspas, no Hotel Virrey, localizado à Plaza de Armas, pois o país estava em *paro*. Leia-se greve. *Pueblos campesinos* interditarão as vias de ligação. Trabalhadores e universitários de Cusco desfilaram em protesto à política nacional. Mesmo longe do Brasil, me senti num ambiente familiar.

#### PELO VELHO VALE SAGRADO

Depois do *paro* descemos o Vale Sagrado de Toyota, acompanhados por um guia bilingüe, espanhol e inglês. No caminho a Pisac, paramos para tomar fotos de lhamas e alpacas. Ao lado dos animais, mulheres com vestimentas típicas vendiam artesanato, falando conosco

em inglês. Pensei seriamente na expansão capitalista.

(A memória vai, aos poucos, restaurando o trajeto das ruínas: Qenco, Pucallanca, Tambomachay, Ollantaytambo, Chinchero e Saqsaywaman. Dois dias visitando a eternidade, feita somente de pedra sobre pedra e suor escravo.)

O Vale Sagrado, versão andina do *paradise*, é extremamente fértil, por isso o seu caráter sacro. Porém, sua fertilidade não consegue melhorar a vida dos nativos, pois a produção é exportada. Antes da vinda dos espanhóis, o camponês tinha que cultivar primeiro a terra dos incas, para depois lavar a sua. Hoje, cinco séculos depois, ele tem que enviar uma grande parte de sua produção ao exterior.

Enquanto isso, carregadores idosos trabalham sob o estímulo da folha de coca, pois sua alimentação é precária. Velhos camponeses vivem à mercê das esmolas dos turistas. Mulheres com crianças presas às costas trabalham debaixo de um sol impiedoso. "Mãos foram feitas para trabalhar, não para carregar crianças".

#### AGUAS CALIENTES

Pela segunda vez cruzamos o Vale Sagrado. Aguas Calientes, pequeno povoado de 600 habitantes, é o ponto de descanso preferido pelos turistas por suas termas e pela proximidade de Machu Pichu. De lá a Machu Pichu caminhos quase meio dia por veredas íngremes.

Machu Pichu foi descoberta no começo deste século. De lá para cá sofre, ao lado da restauração, a devastação causada pela grande influência de turistas, desde mochileiros até magnatas. Pouco se sabe de seu passado, mas uma coisa é certa: ela não foi destruída pelos conquistadores — talvez por não ter ouro, ou, o que é mais provável, por ser de difícil acesso, pois a fúria dos espanhóis não era movida somente pela febre do ouro, mas também por idealismo à la cruzada, que queria divulgar o Catolicismo. É quase certo que já estivesse abandonada quando da vinda dos europeus.

A paisagem montanhosa desperta na alma uma sensação de mistério e infi-

nitude, que é corroborada pela vegetação espessa, tão diferente da que foi deixada para trás. As montanhas guardam, além das tumbas dos incas — agora vazias —, um passado milenar e desconhecido, o vestígio olvidado de uma face da humanidade.

Perseguiamos com olhos de admiração os resquícios deste pretérito inviolável.

#### HASTA MAÑANA, PERU

Amanhecemos em Puno, depois de 14 horas de ônibus, durante um princípio de nevaada. Estávamos saindo do país com um pequeno contrabando: dois filmes com *flashes* do Peru e um cofre abarrotado de saudades. Não deixamos muita coisa lá: somente alguns dólares, que não seriam suficientes para mudar a situação do país, e nosso endereço a um casal de amigos.

Mas um dia volveremos, com algo mais do que sonhos. *Hasta mañana*, Peru.

**Miguel Sanchez Neto**, 23, é professor de português e literatura. Viajou ao Peru em julho de 87.



#### ROTEIRO

**CAMPO GRANDE — CORUMBA:** O trem sai às 21 horas. Da para curtir o nascer do sol em pleno Pantanal *mato-grossense*. Há ônibus para quem prefere uma viagem mais rápida.

**CORUMBA — PUERTO SUAREZ:** Para chegar à fronteira, pega-se ônibus ou táxi. Da fronteira até Puerto Suarez há apenas táxi. Dois lembretes: pegar o visto no Consulado Boliviano de Corumbá, e depois na fronteira, tomar vacina contra febre amarela.

**PUERTO SUAREZ — SANTA CRUZ DE LA SIERRA:** O Trem da Morte sai às 11 horas. É aconselhável chegar com certa antecedência para acomodar a bagagem. Se tudo correr bem, a viagem dura 18 horas.

**SANTA CRUZ — COCHABAMBA:** Há ônibus a partir das 16 horas. São 14 horas por estradas de terra poeirentas e perigosas.

**COCHABAMBA — LA PAZ:** Há ônibus em diversos horários. Aconselha-se o trem para quem preferir uma viagem mais amena.

**LA PAZ — COPACABANA:** Saem ônibus comum ou de turismo pela manhã.

**COPACABANA — PUNO:** Copacabana fica nas margens bolivianas do Titicaca. Lugar de descanso, perto da Isla del Sol. Os ônibus saem depois do almoço.

**PUNO — CUSCO:** É difícil encontrar passagem de trem no dia, por isso ela deverá ser comprada na véspera. A viagem de ônibus é mais cansativa.

**CUSCO — RUÍNAS:** Há dois passeios principais: City tour (Qenco, Pucallanca, Tambomachay e Saqsaywaman) e a execução pelo Vale Sagrado (Pisac, Ollantaytambo e Chinchero).

**CUSCO — MACHU PICHU:** O trem sai às 7 horas. A procura de passagem é muito grande.

# Sebastião Laroca

entrevista a **MALU MARANHÃO**  
fotografia LUIZ F. STINGHEN



## LIÇÕES DE CIÊNCIA E AMOR À NATUREZA COM O MESTRE DAS ABELHAS

**Ecologia. Movimento que traça rotas, envolve homens e raças, une os quatro cantos do planeta em torno de uma luta comum e cada vez mais urgente: a preservação da natureza. Nesta entrevista exclusiva para Nicolau, a presença de Sebastião Laroca, um dos defensores e estudiosos mais fiéis ao meio ambiente. Partindo de uma minuciosa pesquisa, aliado à sua paixão pelas abelhas, ele fala sobre questão ecológica, Universidade, Ciência e até política ambiental. Um vulcão silencioso que explodiu para o público com o Prêmio Nacional de Ecologia, recebido em 87. Aqui, as palavras instigantes e refletivas de um cientista e um ecologista sui generis.**

O brutal assassinato do ecologista e líder sindical Chico Mendes, em 22 de dezembro de 88, em Xapuri (Acre), além de comover e indignar o mundo, despertou o Brasil para a questão do meio ambiente, para a devastação da floresta amazônica, que fazendeiros gananciosos e o próprio governo estão promovendo através de derrubadas, queimadas, dando lugar ao pasto e ao gado e projetos que incluem hidrelétricas gigantescas e mineração. Através da luta dos seringueiros, de entidades ambientalistas e pesquisadores, está se desenvolvendo, em todo o país, a defesa não só da floresta amazônica, mas dos diversos ecossistemas que compõem o Brasil.

Al lado da luta mais aparente, como a dos seringueiros, que jogam com a vida, e a dos ativistas ecológicos, existe uma outra batalha que está sendo travada em silêncio dentro das universidades, nos laboratórios ou pesquisas de campo. É o caso do entomologista Sebastião Laroca, paranaense de 47 anos, com mestrado na Universidade Federal do Paraná e doutorado na Universidade de Kansas (EUA), ganhador do Prêmio Nacional de Ecologia pelas suas pesquisas sobre Ecologia e comportamento dos insetos, principalmente das abelhas silvestres, que vem realizando desde o início da década de 60 no Departamento de Zoologia da UFPR. Apesar dos 30 trabalhos publicados sobre as

abelhas silvestres, duas teses defendidas sobre o assunto e mais de cinco teses que orientou, Sebastião Laroca diz que apenas tocou de leve no universo das abelhas.

Pesquisador imbatível, considera o assassinato de Chico Mendes "uma das maiores barbaridades que já se cometeu nesse país". Ecologista reconhecido, nunca fez parte de nenhuma entidade ambientalista, "embora tenha por elas o maior respeito". Sempre defendendo que "a Universidade não é panacéia", entrou firme nas propostas populares para a Constituinte na área de Universidade, Ciência e Tecnologia, lutando pela sua autonomia.

Sebastião Laroca defende uma integração entre o ensino superior e a sociedade, citando exemplos de homens munidos de conhecimentos, mas que nunca freqüentaram bancos de universidade. Depois nos atenta para as técnicas dos índios, com seus manejos biológicos e de florestas, para a agricultura desenvolvida no Quilombo de Palmares. E conclui: "É preciso redescobrir essa sabedoria popular".

Nesta entrevista ao Nicolau, que contou com a participação do professor João Carlos Magalhães, do Departamento de Genética da UFPR, Sebastião Laroca fala sobre Ciência, saber popular e Ecologia e arremata com otimismo: "Apesar de todas as tragédias ecológicas, vejo soluções para o Brasil. Só depende de nós, de nossa organização, de nossa mobilização".

**Nicolau** — Conte-nos do seu primeiro contato com a natureza, em especial com as abelhas.

**Sebastião Laroca** — Em Castro, no Vale do Ribeira, onde nasci, a vegetação era muito rica, exuberante e bonita. Na frente de casa havia uma floresta com uma riqueza de fauna e flora comparável à floresta amazônica. Nisso havia muitas colmeias de abelhas e eu ficava o tempo todo observando seus comportamentos, suas indas e vindas até as colmeias. Os moradores da região às vezes exploravam o mel, mas tinham cuidado para não destruir as colônias. O que me fascinava era o comportamento das abelhas maiores, espécies de outros grupos, de voo rápido e muito coloridas que pousavam sobre as flores. Na

quele época não tinha rede entomológica e eu me contentava em vê-las de longe.

**Nicolau** — Todo esse interesse pela Biologia e Entomologia surgiu a partir desse contato com a natureza?

**Laroca** — Não necessariamente, porque as minhas ligações com o trabalho que desenvolvo hoje foram se dar mais tarde, quando vim para Curitiba, no fim da década de 50. Vim sozinho, a família ficou em Castro, e quando cheguei fui trabalhar em vários empregos e subempregos, desde fábricas de artefatos de couro e molduras de quadro até em frigorífico. Finalmente, no início de 59, fui contratado para fazer serviços gerais no laboratório de Genética da UFPR. Fiz coisas como lavar vidros, organizar depósito, fazer compras, pagar contas. Na época, a UFPR estava comemorando o centenário da publicação do livro de Darwin, Origem das espécies, com um congresso da Sociedade Brasileira de Genética. A minha função era servir mate gelado aos participantes. Mesmo assim, pude conversar

## Antes, servindo mate gelado Depois, mestrado e doutorado

com vários cientistas importantes e, sempre que possível, deixava o serviço de lado e ia ver as exposições, ouvir as palestras. Terminado o Congresso, terminou meu emprego. Mas três meses depois fui chamado novamente à Universidade para trabalhar meio expediente no laboratório de Genética e meio expediente no de Geologia, onde era responsável pela manutenção do estoque das drosófilas (mosquinhos de frutas muito usadas para experiência de Genética).

Depois de servir o Exército voltei para a Universidade e continuei trabalhando no Departamento de Zoologia, como técnico. No final dos anos 50, estive aqui em Curitiba um estudante norte-americano, Norman Lee Marston, com quem realizei minhas primeiras saídas para o campo. Na época, eu me interessava muito pelas cigarrinhas da família dos cicadélidos. Cheguei até a fazer uma peque-

na coleção desses insetos, mas sem aprofundar nos seus estudos, por me faltar coleção de referência e bibliografia. Lembro-me que permaneci vários meses tentando identificar os espécimes que havia coletado, usando a bibliografia de um pesquisador finlandês, chamado Linnavuori.

**Nicolau** — Como começou de fato o estudo pelas abelhas?

**Laroca** — Todo meu trabalho está ligado diretamente ao professor Shōichi Sakagami, da Universidade de Hokkaido, norte do Japão. Um pesquisador que veio para cá em 1961 a convite do padre Jesus Moure, na época chefe do Departamento de Zoologia. Ele veio como bolsista da CAPES e estava interessado em Biologia e aspectos da Sociologia das abelhas neotropicais, especialmente dos arredores de Curitiba. O interesse de Sakagami foi despertado pelos trabalhos pioneiros de Moure sobre Taxionomia (Ciência de classificação biológica), bem como pelos trabalhos do norte-americano Charles Duncan Michener e outros pesquisadores radicados na Argentina e Paraguai. Neste ano acompanhei o professor Sakagami nas suas excursões à procura de colméias. Havia uma certa dificuldade porque ele não falava fluentemente o inglês. Então passei a usar mimica para comunicar-me. Logo me tornei seu braço direito.

Em 1962 fomos para Assunção porque Sakagami queria conhecer o trabalho de Bertoni, um famoso pesquisador paraguaio. Pedi a Sakagami instruções para um levantamento das cigarrinhas, que me interessava há tempo. Ele me disse: "Estou interessado em fazer o estudo das abelhas numa área restrita aos arredores de Curitiba. Você pode me ajudar nesta pesquisa?". Então, engavetei de uma vez por todas o projeto das cigarrinhas e aceitei o convite. Quando voltamos de Assunção, em maio de 62, escolhemos um local em frente ao aeroporto Afonso Pena e iniciamos o estudo. Ficamos colhendo material durante um ano, numa média de quatro horas a cada dez dias. Depois de dois meses o professor Sakagami mudou-se para Rio Claro (SP), onde foi trabalhar com o doutor Warwick Kerr. Então assumi totalmente o trabalho de campo nessa pesquisa.

Os primeiros trabalhos foram publicados pelo professor Sakagami em co-autoria comigo e com o padre Moure, que foi quem identificou a maioria das abelhas. A diversidade era tão grande que identificamos neste local 167 espécies diferentes. Fiz também em co-autoria com o professor Sakagami uma publicação sobre o comportamento de duas espécies de *Lestrimelitta*, abelhas sem ferrão e que sobrevivem de saque às outras colônias.

Minha linha de pesquisa sobre associações de abelhas de áreas restritas começou aí. O objetivo era conhecer as espécies de abelhas e como estavam representadas, bem como os ciclos anuais das atividades e as interações das mesmas pelos recursos flo-



**Sebastião Laroca**

rais. Este trabalho foi publicado em 67 e foi uma das primeiras contribuições mundiais sobre o assunto. Um verdadeiro achado científico. Através de constantes observações constatamos a rainha-mãe acasalada com um macho. Este foi o primeiro registro de ocorrência desse fenômeno no interior de uma colméia. Este "flagrante" foi depois citado em diversos livros estrangeiros sobre Sociologia de insetos. A partir disso, levei adiante minha carreira de pesquisador.

**Nicolau** — Depois vieram o mestrado e o doutorado.

**Laroca** — Sim, o mestrado na UFPR e o doutorado na Universidade de Kansas (EUA), onde fiquei de 76 a 78. Fiz essa escolha porque queria conviver com pesquisadores que tivessem experiências em questões teóricas da Biologia e, ao mesmo tempo, longa prática de trabalho, além de serem educadores. Cheguei em Lawrence, Kansas, e em dois anos cumpri todos os requisitos para o doutorado. Minha tese também foi feita quase totalmente lá. Trata-se da associação de abelhas silvestres de três biótipos neárticos: um da vegetação heterogênea, outro da pradaria e o terceiro da vegetação de várzea, nas margens do rio Kansas. Portanto, em dois anos cursei todas as disciplinas do curso, cumprindo as exigências linguísticas e fiz boa parte da minha tese. Em setembro de 78 voltei para reassumir as minhas funções como professor da UFPR.

### O cientista não vive do vácuo, mas de uma realidade concreta

**Nicolau** — O prêmio de Ecologia lhe foi concedido em função do conjunto de seus trabalhos. Quais foram eles?

**Laroca** — A minha produção científica é formada por 30 trabalhos originais, publicados em periódicos especializados no Brasil e no exterior. Alguns em co-autoria com colegas do Departamento e com alunos de graduação e pós-graduação. Elaborei e defendi duas teses — uma de mestrado, orientada pelos professores Saka-

gami e Jesus Moure, e uma de doutorado orientada pelo professor Michener.

**Nicolau** — Ecologia é uma palavra que está na moda, até por uma necessidade de sobrevivência. No fim do ano passado assassinaram Chico Mendes, no Acre, e a devastação e agressão à natureza são cada vez maiores. Como cientista e pesquisador, como você vê essa questão?

**Laroca** — O assassinato de Chico Mendes foi uma barbaridade, um crime absurdo. Escrevi no meu memorial ao CNPq que a concepção do meu trabalho é a mesma de Hutchinson, que diz: "A Terra em toda a sua diversidade é o teatro, Terra que abriga um drama que vem se processando há bilhões de anos". Isto significa que a Ecologia não pode se restringir apenas em um retrato dos eventos atuais. Ela deve considerar a dimensão do tempo, ou seja, a história dos organismos e sua evolução. Significa, também, que os fenômenos ecológicos são complexos demais para se entender, por mais que nos esforcemos durante toda a vida. E preciso conviver com a diversidade de concepções, embora, sob o ponto de vista científico, a concepção predominante é ainda aquela que está no livro de Darwin, no capítulo sobre a luta pela sobrevivência. A Ecologia, de certa maneira, nasceu com Darwin. Há concepções que escondem apenas a defesa de interesses, não sendo nada científicas.

Há também concepções que emergem das necessidades da população e isto tem que ser respeitado, mesmo que, formalmente, elas não sejam bonitas. Afinal, o cientista não vive do vácuo, mas de uma realidade concreta, que sob o ponto de vista ambiental está se tornando cada vez mais dura. Essas questões estão ligadas aos problemas mais fundamentais, de caráter econômico e político. Considerá-las de maneira isolada só pode servir para a perpetuação desses problemas. Há uma concepção acadêmica, hoje felizmente em processo de transformação, segundo a qual, no sistema ecológico, as coisas fluem para o éter. É a Ecologia do retrato de uma Terra em extinção. Isso é o fim, pois leva a juventude a um espírito derrotista e comentários do tipo: "O efeito estufa está aí", "as calotas de gelo dos polos estão começando a

descongelar". Todas essas coisas estão aí realmente e são como bombas silenciosas. Mas, há uma boa perspectiva de entendimento entre os homens para resolver ou amenizar esses problemas.

É preciso que se restabeleça nos jovens aquele otimismo (assim mesmo, com p) que reconhece os problemas e procura formas sociais para resolvê-los. Como diz João Cabral de Melo Neto: "Mais vale lutar com as mãos que abandoná-las para trás". Essa luta passa, porém, por questões de fundo e a juventude universitária precisa discuti-las, seja em que nível for. Agora, a Ecologia, enquanto Ciência básica, não é uma panaceia que serve de remédio par todos os males.

### A abelha sobrevive da mata e a mata, da abelha

**Nicolau** — Situe as abelhas silvestres dentro da Ecologia e como ela se relaciona com as devastações de florestas e outros grandes desastres ecológicos.

**Laroca** — As abelhas silvestres, os himenópteros, são o objetivo do meu estudo para entender melhor os princípios da Ecologia. Sua importância sob o ponto de vista ecológico é a sua peculiaridade comportamental. Os himenópteros são os únicos organismos que retiram das flores o alimento protéico necessário para o desenvolvimento de sua prole. Este alimento, o pólen, é talvez uma das substâncias vegetais mais caras para ser produzida, já que é um material reprodutivo, dependente do tempo de floração das plantas e do espaço físico. Isso faz com que a interação entre as espécies que buscam o mesmo recurso se torne ampliada, mais conspicua e permitam ao pesquisador uma visão maior desse fenômeno, na interface produtor-consumidor. Os recursos das partes vegetativas são mais dispersas, melhor distribuídas. Outro fato importante é a sincronia histórica entre as plantas (angiospermas) e as abelhas. As grandes florestas de angiospermas se expandiram na mesma época que se originaram e se diversificaram as abelhas. Dessa forma, escolhi as abelhas como objeto do meu estudo. Elas me auxiliam a entender melhor as questões relacionadas com a estrutura e a dinâmica dos ecossistemas terrestres.

Quanto à devastação das florestas, isso afeta diretamente as abelhas, pois boa parte delas, como as que não possuem ferrão, vivem nas matas, são arborícolas. Algumas constroem suas colméias na copa das árvores. A maioria no tronco e algumas delas no solo. Com a devastação da mata, boa parte é extinta. Algumas sofrem até um processo de mutação genética. Em Curitiba, por exemplo, um trabalho feito pelo Dr. Paulo Sommer mostra que a abelha mandaçaia, uma espécie silvestre, está sendo selecionada para

ocupar colméias vazias das abelhas domésticas. Há ainda espécies que são pré-adaptadas, ou seja, são capazes de subsistir a quaisquer condições. O desmatamento, sob o ponto de vista ecológico, é profundamente injusto. Ele favorece algumas espécies — a minoria — e prejudica a maioria. O inverso disso, ou seja, a importância das abelhas para o ecossistema, é fácil de mencionar: há muitas espécies de abelhas polinizadoras que são responsáveis pela reprodução de certas espécies vegetais. Quando se elimina essas abelhas, está se destruindo também o futuro dessas espécies de plantas. A alfafa, a abóbora, o pepino, a maçã, o maracujá, o guaraná, são apenas alguns exemplos delas. Se não há abelhas a produção de frutos também cai a zero.

### "O saber não está restrito à Universidade"

**Nicolau** — Quer dizer que mesmo que se faça a conservação dos bancos de genes dos recursos vegetais, se forem perdidas determinadas espécies de abelhas, a recomposição das florestas originais se torna inviável?

**Laroca** — Os geneticistas sabem muito bem que a manutenção da variabilidade genética depende de uma série de fatores, inclusive da heterogeneidade ambiental. Então, os geneticistas têm que pensar muito bem sobre essa questão da manutenção

dos bancos de genes. A preservação da diversidade de espécies é fundamental e isto deve ser compatibilizado com o sistema de produção, seja ele qual for. Essa diversidade deve ser preservada em todos os lugares possíveis, inclusive onde o homem estiver trabalhando: nos campos, nas plantações e até no interior das metrópoles, ao lado das fábricas. Além de tudo, ela é a garantia da qualidade de vida para nós.

**Nicolau** — Depois de tanto falarmos sobre a devastação, a agressão à natureza, às pessoas que a defendem, você acha que se pode ainda fazer algo pelo país?

**Laroca** — É preciso fazer algo. Só com meu trabalho não posso resolver os problemas ecológicos do Brasil. Mas sou otimista. E realista. Realista no sentido político. Sou totalmente contra a doutrina do caos, de cruzar os braços e achar que não há mais solução. Tudo vai depender da capacidade de organização, de mobilização das pessoas em torno de várias questões. Não participo de nenhum grupo preservacionista, mas vejo que a maioria deles está fazendo um trabalho muito bom e respeito isso profundamente. Quando participei na elaboração de propostas para a Constituinte, me voltei, não à área da Ecologia propriamente dita, mas à da Universidade, Ciência e Tecnologia. A autonomia das universidades é muito importante. No Brasil, elas passaram do 30º para o 18º lugar em produção científica e isso já é um avanço. As universidades são responsáveis por 90 por cento da pesquisa gerada no país. Então é preciso cada vez mais lutar por elas.

**Nicolau** — Você acha que a maioria dos problemas pode ser resolvido no âmbito da Ciência básica dentro das universidades?

**Laroca** — Já até pensei assim. A verdade é que a Universidade não é panaceia, um remédio para todos os males. Sua questão está ligada a outras questões e a outros níveis de ensino. O Dr. Mário Beuarepaire Aragão, grande amigo e um dos maiores ecologistas do país, sempre diz que o cientista se forma ou adquire parte significativa de sua formação antes de entrar na universidade. Concordo com ele. O bom cientista é aquele que teve um primeiro grau bem feito. Então, o desenvolvimento da Ciência básica depende da articulação da Universidade com outros níveis de ensino. Veja, por exemplo, a questão ambiental que não é simplesmente uma questão moral, ética, mas, acima de tudo, uma questão científica. Assim, à medida que se tem uma disciplina de iniciação às Ciências físicas e naturais, contribui-se para que as pessoas se tornem mais conscientes. Com laboratórios fechados, mal equipados, sem ensino das Ciências e demais disciplinas básicas resulta uma educação básica que não suporta uma formação universitária abrangente. Castrase o desenvolvimento das crianças. No Brasil isto é fato. Se analisarmos as nações desenvolvidas, veremos que as Ciências naturais estão na base da educação, porque aí está a qualificação que permite a própria sobrevivência dessas sociedades.

É ilusão pensar que certas áreas do conhecimento científico estão restritas às universidades, ao saber acadêmico. Pesquisadores que nunca en-

traram numa universidade têm dado contribuição valiosíssima à Ciência. Exemplo disso é a estimável contribuição que deu um simples morador do parque Itatiaia aos estudos da Taxionomia das vespas, desenvolvidas pelo doutor Richards. Este morador não tinha formação acadêmica nenhuma e acabou sendo levado para o Museu Britânico como grande contribuidor da Ciência. Há em Londrina o exemplo de Luis Giulini, um fotógrafo da praça que fez um estudo incrível sobre as abelhas, descobrindo, inclusive, uma nova espécie que levou seu nome.

O resgate de técnicas desenvolvidas pelos índios é também importantíssimo. Como os índios kaiapós da aldeia de Gorotire que fazem o manejo da floresta, transplantando-a para o cerrado. A agricultura desenvolvida no Quilombo de Palmares também é surpreendente: para alimentar tanta gente eles tinham técnicas especiais e eficientes. Daí a importância da relação Universidade-comunidade, que precisa ser fortalecida cada vez mais. Me lembro de um trabalhador rural que conheci em Jaguariava, no interior paranaense. Ele tinha um interesse profundo pela Astronomia e pediu-me vários livros sobre o assunto. Essa integração me parece mais urgente. A Universidade pode instrumentalizar estas pessoas que nunca a frequentarão, mas que têm uma curiosidade e até um saber natural que podem resultar em grandes contribuições para a Ciência.

**Malu Maranhão** é jornalista.

## Perfil de um cientista e ecologista: uma vida (quase) em segredo

"De maneira geral, a questão do meio ambiente é tratada pelos grupos ecológicos de forma apaixonada e dá para notar que, na maioria das vezes, falta embasamento científico". A afirmação é de Sigrid Andersen, presidente do Instituto Gaia do Brasil — Estudos, Documentação e Ação Ambiental — e reflete uma preocupação com a Ciência que muitos ecologistas não têm, mas que sobra em Sebastião Laroca. "O fato de Sebastião nunca ter pertencido a grupos ecológicos — diz seu amigo, o professor João Carlos Magalhães — tem muito a ver com isso e com o fato de a Ecologia, muitas vezes, ser manipulada ao ponto da direita também estar se apossando do discurso".

Sem assumir bandeiras e tendo como preocupação fundamental o ensino público e a autonomia universitária, Sebastião Laroca nunca se esquivou de uma participação política, como em greves, em movimento dos professores, atuando, inclusive, na formação da Associação de Biólogos. No entanto, nada mais difícil do que fazer Sebastião Laroca falar dele mesmo. Durante a entrevista mesmo, ele se sentia mais à vontade quando falava de seu trabalho.



**Sebastião Laroca**

Por isso, é preciso recorrer a seus amigos, como é o caso de João Carlos Magalhães. "Sebastião, diz João Carlos, é editor de *Duzenia*, uma revista muito respeitada, cujo nome vem do naturalista Duzen. Apesar de sempre modesto, o professor Laroca tem opiniões claras e precisas que servem de referencial para muita gente".

O seu trabalho, lembra o professor Magalhães, é original, mas ao mesmo tempo difícil de passar para o grande público. "As pessoas, afirma ele,

têm uma tendência de procurar sempre uma aplicação prática e imediata para toda a pesquisa científica e se esquecem que a pesquisa em Ciência é fundamental também como conhecimento para o futuro, até imediato".

O trabalho de Sebastião Laroca conseguiu mudar a ótica do Prêmio Nacional de Ecologia que, de acordo com o professor João Carlos, vinha sendo concedido a trabalhos com imediata aplicação prática, dentro de uma visão economicista. Laroca é um dos poucos pesquisadores com doutorado que trabalha na área da Ecologia e por isso mesmo sente a falta de um Departamento específico na UFPR.

Tão difícil quanto fazer o professor Laroca falar de si, é fazê-lo falar sobre a Ecologia em termos de Paraná, ou de Amazônia. Sua visão sobre Ecologia, além de ser muito ampla, se nega a entrar no velho discurso fácil. Laroca sente falta de um embasamento maior em torno da discussão, do malabarismo de palavras. "Ele não é homem de palanque, mas um estudioso", observa João Carlos.

Depois da entrevista, num papo descontraído, Sebastião Laroca revela um grande senso de humor. Se con-

fessa ainda meio caipira da região do Vale do Ribeira e bastante intrometido, a ponto de não largar o pé dos professores do Departamento de Genética, em busca de informações, como na época em que era ainda um simples lavador de tubos de ensaio.

Liberal por vocação, com uma tendência para esquerda, Laroca não é filiado a nenhum partido político, embora não esconda uma simpatia pelo Partido dos Trabalhadores, pois, "apesar de não concordar com muitas coisas, admiro a coerência e a honestidade do PT". Adorado pelos alunos, um dos grandes prazeres de sua vida é, além da pesquisa, orientar teses. A modéstia de Sebastião Laroca, aliada a uma timidez natural, o torna, além de um cientista notável que "não se limita a colher dados", como diz João Carlos, uma pessoa encantadora e de um bom papo.

Pelo seu esforço e profundo conhecimento, seus amigos são unânimes em afirmar: o Prêmio Nacional de Ecologia poucas vezes foi entregue a uma pessoa tão merecedora como a Sebastião Laroca.

**M. M.**





# NARCISISMO E AMOR

EDUARDO MASCARENHAS  
ilustração RITA BRANDT

Segundo o *Aurélio*, narcisismo é um estado psicológico em que a libido (tesão) é dirigida ao próprio ego e toda a atenção voltada ao próprio umbigo. Amor excessivo a si mesmo. Autocontemplação.

Narcisismo pode ser um barato, mas pode também ser um perigo. O psicanalista carioca Eduardo Mascarenhas analisa o porquê, mergulha em águas narcísicas e dá a dica: "Se há excesso de amor sem ser investido, tudo perde o sentido".

**N**arcisismo é uma palavra complicada. De um modo geral, as pessoas entendem por narcisismo algo parecido com ser vaidoso, egoísta, egocêntrico, ter o rei na barriga, achar-se lindo e ostentar essa beleza como um pavão. Até certo ponto têm razão — essas são manifestações indiscutíveis do narcisismo. As mais extravagantes, digamos.

Por isso mesmo elas não revelam os significados mais profundos e complexos do narcisismo. Mergulhando mais fundo, nós vamos encontrar o narcisismo como atitude da mente, disposição da alma. E vamos descobrir que ele não pode ser visto unicamente como algo ruim e negativo. Não fosse ele, estaríamos todos mortos, isso porque simplesmente não nos interessaríamos por nós mesmos. O narcisismo é a fonte de cuidado e de interesse que devotamos a nós próprios. Não fosse isso, seríamos, desde o nascimento, seres sem qualquer auto-estima, sem sentimento de valor, verdadeiros molambos de berçário. Freud, para explicar o narcisismo, costumava comparar cada um de nós a um reservatório que contém amor. Este amor pode ficar guardado dentro da gente, sem se dirigir a ninguém. Pode dirigir-se ao Eu e aí gera a auto-estima. Pode dirigir-se a outras pessoas, gerando estima por elas.

Se há excesso de amor guardado sem ser investido, nem na gente nem nos outros, tudo

perde o sentido, o brilho. Se ele estiver excessivamente investido nas outras pessoas, a gente fica fraco e elas, fortes. Se o amor se dirigir a uma só pessoa, em grande quantidade, surge o fenômeno do enamoramento e da paixão. Aquela pessoa fica unvida de magia, feitiço e poesia, não podemos viver sem ela, pois ela se torna a luz dos nossos olhos.

Se não houvesse um mínimo de amor dirigido ao Eu, teríamos uma imagem desvalorizada de nós mesmos e uma imagem hipervalorizada dos outros. Sentiríamos as nossas opiniões sem qualquer valor e superestimaríamos a opinião dos outros. Em pouco tempo não teríamos mais opinião própria e todo mundo mandaria em nós, fazendo nossa cabeça. Tendo uma imagem desvalorizada de nós mesmos e uma imagem hipervalorizada dos outros, nossos sentimentos, sonhos e desejos seriam por nós mesmos classificados como bobos, inferiores e desimportantes. Claro, tudo que fosse nosso e não dos outros nos pareceria pior. Daí, ao aparecimento de uma sensação de falta de legitimidade interior e de sentimentos poderosos de vergonha e culpa, bastará um passo.

## AMO, LOGO SOU

Vemos, portanto, que sem narcisismo algum seria impossível armarmos a nós mesmos e, por consequência, a alguém. Porque o objeto

do nosso amor nos pareceria sempre menor, sempre menos digno de amor, só porque é nosso. Mal transado, o narcisismo pode representar o obstáculo máximo para o amor. Mas esse mesmo narcisismo, se bem transado, pode ser condição indispensável para o amor. Além de colocar beleza, cor e poesia na vida, um dos pontos importantes do narcisismo é o culto ao belo, ao poético, ao estético. Ele é responsável pela busca de auto-suficiência, por aquele tom de dignidade sem o qual nosso amor não sobrevive.

Por causa do narcisismo não nos tornamos grudentos como polvos. Não grudamos no pé do outro, possibilitando o lindo espaço da liberdade. O narcisismo é a possibilidade do amor dos pássaros que se aconchegam nos seus ninhos, não porque não saibam mais voar, mas sim porque é ali que se dão os maiores vãos. O amor se torna, então, esse estranho paradoxo: jaula da liberdade, gaiola dos maiores vãos, aprisionamento que liberta. O culto ao belo, tão característico do narcisismo, gera, então, a elegância dos nossos gestos, a altivez dos nossos atos, a nobreza dos nossos sentimentos. E também a exigência do colorido e da poesia. E como é importante para um casal achar bonito o seu amor, achar bela aquela história de encontros e desencontros. Como é importante para um casal cada qual admirar a grandeza dos gestos do outro. Quer se more numa favela ou num palácio, se tratará de uma relação entre príncipes. Nesse sentido, o narcisismo é a nostalgia do humano por se tornar divino. Que bela nostalgia!

**Eduardo Mascarenhas**, psicanalista, é autor de *Emoções no divã de Eduardo Mascarenhas* (Rio de Janeiro, Guanabara, 1985), *A costela de Adão: cartas a um psicanalista* (Rio de Janeiro, Guanabara, 1986) e vários ensaios em publicações de circulação nacional.



# O AMOR SEGUNDO JEAN GENET

MARCOS LOSNAK  
ilustração CACO RETTAMOZO

**C**reio que meus gestos não possuem outro objetivo a não ser furar a camada de desprezo do mundo. Para isso uso meu amor que, em sua forma, é uma ameaça. Tenho um soco cravado no rosto. Não por um punho, mas pelo espelho que me separa do mundo de vocês.

Estou sozinho num mundo que é o avesso do mundo habitual. Tenho consciência do que sou. Essa consciência destrói a vergonha e me concede o orgulho. Meu gosto pela solidão é a prova disso, o orgulho uma manifestação de minha força. Sou limitado pelo mundo ao qual me oponho. Delimitado por ele, quanto mais agudos forem os ângulos que me ferem e me dão forma, mais belo e brilhante serei. Desejo a santidade da beleza, mas não tenho uma definição de santidade ou de beleza. Tenho que criá-la a cada instante, fazer com que todos meus atos me conduzam a ela.

A expressão de meu amor é aquela que crio. Todo criador vive uma aventura que consiste em assumir pessoalmente, até o fim, os perigos de suas criaturas. Não consigo imaginar uma criação em que não haja amor em sua origem. Amar não é apenas se deixar levar por detalhes. É obrigar os detalhes a se transformarem em sombras, desenvolver a sombra da sombra, torná-la mais espessa. Jogar o amor no escuro até não poder saber mais a forma do que se ama, para aí dar-lhe forma, recriá-lo. O amor sendo minha própria criação tenho o poder de destruí-lo.

Penetrei no mistério dos ritos do amor através do horror ao infinito. Livres, minhas aspirações escapavam de mim, como a luz do sol, e com a luz, fugiam até o infinito. Eu tinha obsessão em amar, e traía o que amava. A traição é um ato de amor. Basta que para isso o traidor tenha consciência de sua traição, que a deseje, e que saiba quebrar as ligações de amor que o uniam aos homens.

O que me liga solidamente ao mundo é o amor. Preciso amar para retirar desse amor a força necessária para destruí-lo, chegar a uma liberdade no vácuo. Me recuso a viver com outro fim que não seja aquele em que acredito: minha vida deve ser lenda, isto é, legível, e sua leitura dar vida a uma nova emoção que chamo de poesia. Sou apenas um pretexto. Desejo pular no coração da imagem, ser eu próprio a luz que leva aos olhos de vocês a poesia. E talvez cegá-los.

■ Marcos Losnak — de Londrina, poeta,  
artista e editor da revista KAN

CRIAÇÃO

O erro me conforta.  
De erro em erro rompo  
a aorta e garanto  
e avalizo o meu ofício  
até que chegue ao gume.  
Corto.  
E desse sumo avaro  
fica aquele suor  
que já me basta

Lais Correa de Araújo

VÉSPER

A estrela da tarde está  
madura  
e sem nenhum perfume.

A estrela da tarde é  
infecunda  
e altíssima:

depois dela só há  
o silêncio.

Orides Fontela

SOBRE O FÁTUO

primeiro  
não se sabe  
não se soube

segundo  
era o fogo:  
consumia o ar

terceiro  
o ar:  
bateu e: chama.  
só queria passar

quarto  
fogo e ar:  
n'outro sem um  
de abraço dado:  
consumação

Jandyra Kondera



(164) e com ela Dançando (118) ficou Noivo (67), aderiu à vida de Casado (117). Marido Satisfeito (183) era muito Amoroso (121), até que ficou Viúvo (130).

Talvez por saudade da mulher é que Zequinha andava sempre Embriagado (18), caído ao chão, agarrado a um poste, garrafa de cachaça ao lado. Sem dinheiro para sustentar o vício, Zequinha foi ser Ladrão (157). Gatuno (53), arrombador de cofres, quando ainda não se tinha o costume de assaltar os bancos em dia claro; serviu até de Lameião (3) quando os cangaceiros assustavam o Brasil, mas isso durou pouco porque o cinema falado popularizou os bandidos norte-americanos e Zequinha virou Gangster (177), mesmo sem entender direito esta profissão, pois a única coisa que fez nela foi raptar uma mulher.

Mas não era mau sujeito. A prova é que no Natal sempre servia de Papai Noel (99), primeiro com as roupas, barrete e pinheirinho de modelo alemão que a Casa Amhoff importava e expunha em suas vitrines desde a década de 10, e depois (na série de Gabardo e Masocheto) com o modelo mais americanizado a que estamos acostumados.

Nem tudo foram rosas na vida de Zequinha: Na Praia (48), onde os curitibanos iam em temporada levando de comida a criados, sempre com medo do medo de maleita, ele ia quase Afofando-se (123). De tão Raquítico (133), ficou muito Doente (103). Mendigo (136), teve um Machucado (131) que o deixou Perneta (132). Nervoso (49), ia Suicidando-se (134), mas não deu certo e acabou Enforcado (137), para ressucitar na figurinha seguinte e ir Arrumando-se (138) para enfrentar a vida.

Olhando-se a figurinha Zequinha Pensando (196), preocupado, cabeça triste, apoiada nas mãos, indiferente ao tique-taque do relógio na parede, acabamos por nos perguntar: "Final que espécie de gente era esse Zequinha?" Um Louco (174)? Um curitibano típico? Não sabemos. Preferimos nos lembrar dele Aventurando (52), numa imagem surrealista, sentado num tronco com uma cartola, de onde sai um galho no qual se assenta um pássaro que vai entrar pelo oco da cartola e fazer seu ninho nos pensamentos de Zequinha.

Ou mesmo tentar compreender Zequinha pela maneira feliz com que ele olha o mundo quando está sentado num enorme Bumbo (158), parecendo dizer que nesta vidinha curitibana dos anos 30 há "muito trabalho por nada".

De toda maneira, são perguntas que nunca saberemos responder, pois Zequinha já nos deixou. Ele está lá onde chegou muito antes dos americanos, de nós: na Lua (127), uma "lua de papel" num litográfico céu cheio de estrelas, tão toscamente desenhado, falso como um menino que, "disfargado", cospe na mão no jogo de "bafo", mas é tão real quanto nossos sonhos.

Valêncio Xavier é autor de Curitiba, de nós (FCC, 1975), Mez da Grippe (FCC, 1981), Masta no Inferno (Criar Edições, 1983), O Minotauro (Logos, 1985), A propósito de figurinhas, com Poly (Studio Krieger, 1986), O mistério da prostituta japonesa & Mini-Nashi-Oichi (Módulo 3, 1986).

BALAS ZÉQUINHA  
INDÚSTRIA BRASILEIRA



ZÉQUINHA  
ANARCHISTA  
E J. GABARDO MASSOCHETTO  
Av. João Gualberto, 1846  
Curitiba — Paraná N.23

BALAS ZÉQUINHA  
INDÚSTRIA BRASILEIRA



ZÉQUINHA  
AFOGANDO-SE  
E J. GABARDO MASSOCHETTO  
Av. João Gualberto, 1846  
Curitiba — Paraná N.123

BALAS ZÉQUINHA  
INDÚSTRIA BRASILEIRA



ZÉQUINHA  
ENFORCADO  
E J. GABARDO MASSOCHETTO  
Av. João Gualberto, 1846  
Curitiba — Paraná N.137

# ZEQUINHA

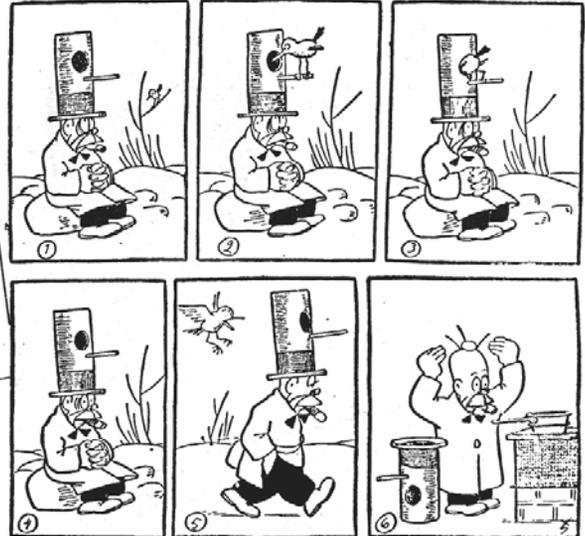
BALAS ZÉQUINHA  
INDÚSTRIA BRASILEIRA



ZÉQUINHA  
AVENTURANDO  
E J. GABARDO MASSOCHETTO  
Av. João Gualberto, 1846  
Curitiba — Paraná N.52

Das tiras do desenhista sueco O. Jacobson (década de 20), com o personagem Adamson, surgiu a figurinha de n. 52. Antropofagia via figurinha.

Der Kolumbus-Zylinder



BALAS ZÉQUINHA  
INDÚSTRIA BRASILEIRA  
ZÉQUINHA  
NA LUA  
E J. GABARDO MASSOCHETTO  
Av. João Gualberto, 1846  
Curitiba — Paraná N.127

O personagem Chico Fumaça, criado pelo cartunista Alceu Chichorro tentou, nos anos 50, fazer frente à figurinha do Zequinha. Não deu certo.



# REVENEZA

*Pobres dos que pensam descobrir a alma das cidades a bordo de um city-tour. Cidades têm faces, algumas aparentes, outras ocultas. Paris não é só Place de La Concorde, assim como o Rio não se mostra apenas em Copacabana.*

*Cidades trazem mistérios, histórias. Às vezes quase exigem que se descubra o lado que não se vê. E nem todos são capazes disso. A maioria satisfaz sua curiosidade com uma primeira e única vista. Mas a primeira vista obriga a outra, que leva a uma terceira, sucedida por outras mais. Ai sim, temos a visão de uma cidade.*

*A Veneza que se mostra nestas fotos não é a Veneza da Piazza San Marco. O que aqui se vê é a Veneza que ninguém vê. A cidade dos sotoportegos, de nomes engraçados, das inscrições dramáticas — e nem por isso menos engraçadas —, das estátuas de nariz quebrado, como boxeadores de pedra.*

*Nem mais bonita, nem mais feia. Apenas mais pitoresca. Mas viva, talvez. Fruto de uma visão arguta, de quem está procurando segredos em cada portal, em cada monumento.*

*Dico Kremer, o autor das fotos, é um caso único. Nascido em Curitiba, criado na Desembargador Mota e formado para a arte pelo Cine Clube do Santa Maria tem, como as cidades, muitas faces. Nome alemão, feição de francês, cultiva hábitos ingleses e é apaixonado pela Itália. Incorpora em si a comunidade européia, para onde todo dia quer voltar.*

*Que volte para lá, pois. E retorne, retorne sempre, trazendo para nós, incapazes de tanta mobilidade, esta visão criativa, alegre e única das cidades do mundo.*

Ernani Buchmann



# REVENEZA

DICO KREMER



# Encontro de Museus

REGIS OSTERNAK  
ilustração LUIZ ALBERTO CRUZ (FOCA)

**Em plena era do vídeo, do zap e dos multimeios, os museus buscam hoje travar diálogo com as novas gerações — uma forma que desperte o interesse pelo passado e pelo que se produz hoje, para não perder o bonde da história no futuro. Nicolau entrevista museólogos, artistas plásticos e historiadores, visando descobrir alternativas para superar essa dialética.**

**P**ara muitas pessoas a palavra museu está associada a uma visão conservadora e anacrônica: já foi chamado de templo das musas, paraíso dos fungos e até mesmo um espaço onde se deposita coisas velhas e inúteis, o que muitas vezes não deixa de ser verdade. Boa parte desse preconceito pelos museus vem da falta de informação e de uma tradição cultural no país. Em muitos casos, porém, essa concepção viciada é originária de alguns diretores e museólogos, que não dispõem de subsídios e uma possibilidade efetiva para se reciclar a respeito da matéria.

Justamente para escolher o público interessado, abrir o diálogo com a comunidade e principalmente discutir a política a ser adotada pelos museólogos de agora em diante, é que vai ser realizado, de 16 a 18 de março próximo, em Cascavel, o 2º Encontro de Museus do Paraná. Na primeira edição do evento, no ano passado, os participantes redigiram a "Carta de Guarapuava", onde os representantes da classe desfilavam suas reivindicações. Propunham, entre outras coisas, aprofundar o diálogo com a comunidade, dinamizar, mudar um pouco essa concepção "velha" de museu por uma mais adequada aos nossos dias, a quase uma década do ano 2000.

Segundo Ivens Fontoura, coordenador de museus da Secretaria de Cultura do Estado e organizador do evento, a ideia do encontro partiu da necessidade de ser adotada uma política específica para museus, "que encontravam-se isolados, atuando cada um com um discurso diferente". "Além disso, explica Ivens, sentimos necessidade de tentar mudar, entre os próprios museólogos, esse falso conceito como sendo um estabelecimento meramente depositário de bens culturais e não uma coisa viva e dinâmica". A questão está no ar: pensar o museu como uma coisa morta ou como algo vivo, para os vivos?

## PEÇA DE MUSEU

A velocidade de informações, aliada à eterna crise brasileira, inibem ainda mais as pessoas de entrarem num museu. Na opinião do artista plástico e historiador Olímpio Pinheiro — e compartilhada por Ivens Fontoura —, esta questão seria resolvida intercalando, simultaneamente, exposições dinâmicas do acervo de cada museu com exposições temporais. Esta questão, para Olímpio, deve ser discutida tendo-se em vista o fato de que o museu é uma moldura dinâmica que destaca, através de cortes históricos, o que há de mais importante e relevante para ser guardado para as próximas gerações. "A palavra museu me leva a pensar numa ideia de recorte, operando entre o presente e o passado. Em termos de presente, pelo menos nas artes plásticas, eu diria que estamos ainda na Pop Art", afirma Olímpio. Esse resgate histórico, no entanto, deve passar por uma discussão da maior importância: o que deve ou não ficar

num museu? Quais seriam os parâmetros dessa seleção? Olímpio: "Penso muito naquela visão do Pound (Ezra Pound, poeta americano) sobre o *paideuma*, que seria organizar o conhecimento humano e sua arte de modo que as futuras gerações perdessem o mínimo de tempo com itens obsoletos".

Eliane Prolik, artista plástica curitibana, é da opinião de que para superar essa dualidade os museus deveriam manter um diálogo mais democrático e freqüente com os artistas e historiadores. "Nos últimos anos, afirma Eliane, tenho sentido uma política mais fechada em relação aos espaços destinados ao artista paranaense, com o fim de uma série de salões e mostras competitivas que eram o nosso único canal de acesso". Para remediar e mudar essa situação, Eliane propõe que se crie um conselho representativo dos vários segmentos que atuam nos museus para definir uma programação que atenda aos apelos da comunidade. Já o diretor do Museu de Arte Paranaense, Ennio Marques Ferreira, diverge dessa opinião: "É preciso saber dissociar um pouco esta questão do espaço destinado ao artista com a política adotada por cada museu". Segundo ele, essa posição está mais ligada à área de atuação do MAC (Museu de Arte Contemporânea), que lida especificamente com a arte dos anos 60 para cá. Para Ennio, deve-se respeitar a linha e a linguagem de cada museu, porque essa diversidade de linguagens só é benéfica.

## CULTURA? BOBAGEM

O artista plástico curitibano, Geraldo Leão, acha que um dos motivos do desinteresse do público pelos museus parte de um desinteresse geral que tomou conta do brasileiro. Leão reclama ainda de alguns órgãos e museus que têm uma política cultural voltada apenas para Curitiba, onde a demanda cultural seria supostamente maior. "Sem falar das dificuldades acenadas pela progressiva perda de espaço sofrida pelos artistas paranaenses nos últimos anos, como é o caso do Salão de Novos e da Mostra de Desenho que deixaram de existir".

Críticas e rusgas à parte, é preciso ver o lado e as dificuldades de quem está por dentro do problema. As reclamações, por parte dos museus, incluem a falta de verbas, o descaso do Governo Federal para a cultura e outros problemas aos quais todos os brasileiros e brasileiras já se acostumaram. Maria Cecília Noronha, diretora do Museu de Arte Contemporânea — MAC — aponta para a total falta de consciência do que é cultura por parte dos governantes. "Enquanto houver a consciência de que a cultura é uma bobagem, uma coisa descartável, tudo vai ficar mais difícil", conclui Maria Cecília.



Regis Osternak — jornalista

# 3 haikontos de rosa amanda strausz

## O SOL É VERDE

**D**esde que chegou a primavera o ar tem esse gosto acidulado. Como se tivesse chovido suco de limão, o mundo estivesse levemente esverdeado e as bocas salivassem à toa. Na rua, as pessoas não se contém e levam os dedos ao maxilar, massageando o músculo dolorido. Os narizes ardem e escorrem constantemente. Os olhos andam chorosos. E as crianças... ah, as crianças, que incrível poder de adaptação. Lambem o ar felizes com um mundo banhado em limonada.

## ZEN

**C**ocaína não cintila, qualquer um sabe disso. As diminutas centelhas que se formam contra o espelho são reflexo do vidro bem moído que os putos misturam com o pó, na falta de bicarbonato de sódio ou ácido bórico. Ela sabia, mas nem ligava. Batia uma fileira gorda, aspirava com força e corria para o terraço, onde sentava e espichava o pescoço focalizando as estrelas. Ficava imóvel, ignorando os músculos que se retorciam, estourando de vontade de fazer alguma coisa.

## AÇÚCAR

**P**ousou a mão no ombro dele e constatou quase assustada que era muito forte. Ofegou, ofereceu a boca escondendo os dentes, semicerrou os olhos e deixou que os joelhos se dobrassem. Era bom ceder à queda, como quem se esvai em nada. Ele aparou o corpo inerte e foi até a cozinha buscar um copo de água com açúcar. Detestava mulheres nervosas.



**Rosa Amanda Strausz** — 29, poeta, vai lançar seu primeiro livro — *Mínimo Múltiplo Comum* — pela editora Jose Olympio, no segundo semestre de 89. Aqui, em pré-lançamento nacional, **Nicolau** apresenta uma pequena mostra do talento desta escritora singular.

# QUE LITERATU

ANAMARIA FILIZOLA  
ilustração VERA ANDRION

Dona de uma dicção própria e de uma história marcada por violências e preconceitos, a poesia africana — ainda que pequena — dialoga com seus compatriotas e se arma contra a dominação cultural, imposta ao longo dos anos por seus colonizadores. A professora Anamaria Filizola traz à tona, com este ensaio, poetas quase desconhecidos do nosso público e aborda questões como a existência ou não de uma nacionalidade literária. Revela ainda a busca de uma identidade cultural das literaturas produzidas nos países ditos “em vias de desenvolvimento”.



Falar de poesia africana, no geral, é querer empreender tarefa hercúlea, ou incorrer em falta por omissões graves. Da mesma forma, falar genericamente em poesia africana de expressão portuguesa é não dar conta das especificidades e peculiaridades das literaturas de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

Esses cinco países têm em comum um passado histórico de colônias portuguesas. Em consequência, o domínio da língua portuguesa (no duplo sentido de domínio: no de dominarem a língua portuguesa a ponto de produzirem uma literatura nessa língua; e no sentido de a língua do colonizador ter sido imposta como língua oficial, em detrimento das várias línguas locais).

Dada a natureza deste artigo, não entrarei em pormenores históricos, listas de nomes e datas, autores e livros. Tomarei estas literaturas como pretexto para que se pense e questione algumas questões instigantes, como a da marca da nacionalidade do texto e a função do escritor.

## Literatura nacional: qual nação?

O ponto de partida para abordar a questão da literatura nacional é a dos critérios usados para reconhecer as marcas da nacionalidade de uma literatura. Em outras palavras, como identificar a nacionalidade de um texto que circule hipoteticamente sem o nome de seu autor e/ou de sua origem pátria?



Isto disse respeito à literatura brasileira, igualmente descendente da portuguesa, em regime colonialista também, embora em outros tempos e em diferentes condições. Leiam-se os prefácios de José de Alencar e lá está expressa a preocupação com as marcas da diferença: a língua brasileira, a presença da exótica natureza local (a necessitar de palavras novas para dar conta de tanta novidade), a presença do índio, a mestiçagem étnica, enfim, tudo que pudesse diferenciar o que era produzido aqui daquilo então produzido na ex-metrópole.

Consideraram-se assim critérios geográficos, cronológicos (em geral as datas das independências das colônias), lingüísticos, históricos e ideológicos. Os dois primeiros são os menos variáveis — mas mesmo assim variam — e os demais ficam à mercê do ponto de vista, ora do produtor do texto, que pode ter ou não a preocupação de inserir seu texto numa série nacional, ora do leitor consumidor e ora do estudioso da literatura.

Se alguns critérios identificadores são passíveis de arbitrariedades, não implica que a solução esteja na afirmação da universalidade da arte. Nesta discussão não vale a afirmação de Fernando Pessoa, de que “minha pátria é a língua portuguesa”, porque o que está em jogo é justamente a questão da pátria (literatura nacional é, obviamente, literatura de uma nação que se quer reconhecer no texto).

Sem poder evitar essa discussão, contemporânea sua, e sem querer incorrer em posições preenchidas de arbitrariedades ou relativizáveis pela História, Machado de Assis nos fala de um “instinto de nacionalidade”, muito bem praticado por ele mesmo.

A lição machadiana não esgota o problema que atravessou o modernismo com a antropofagia das vanguardas, o neo-realismo do regionalismo de 30, a busca do essencial poético da chamada geração de 45, e de tempos em tempos volta à cena com a crítica ao concretismo dos Campos/Pignatari, tropicalismo,

# RA É ESSA?

poesia marginal, romance-reportagem, etc., etc. Ora se está nas veredas da brasilidade, ora se está mais perto do outro, no afã de não perder o trem da História...

Conhecer as literaturas angolana, moçambicana, guineense, cabo-verdiana e santomense e os textos que as estudam e divulgam, é conhecer a história da busca dessa identidade que aparece nas linhas algumas vezes, nas entrelinhas em outras.

A tarefa de Sísifo das nações colonizadas é a busca da identidade. Ou porque se é formado dicotomicamente por duas identidades inconciliáveis em alguns pontos, ou porque se perdeu a que já se teve um dia.

Nós, brasileiros, cabemos no primeiro caso, dividido entre Europa e América (no contexto das colonizações inauguradas com o século XVI, vale ressaltar): *tupy or not tupy*, como sintetizou Oswald de Andrade.

Os países africanos de expressão portuguesa se encaixam no segundo caso: tiveram uma que lhes foi usurpada, lhes impuseram outra que não serviu, e agora, depois das independências políticas, mas desde a consciência política, empreendem a busca de um novo rosto.

A literatura que reflete esta consciência da dominação é a que é considerada, por enquanto, a literatura nacional. Esta é a nação que se quer ler: a que resistiu, lutou contra, e agora luta por construir. Há que se considerar, a par da dominação, a oralidade em que se baseiam as culturas originais e o estigma da cor negra, ambas provocadoras de preconceitos bastante antigos e que sem dúvida serviram para justificar todo tipo de expropriação, entre eles o tráfico escravagista e posteriormente a empresa colonialista.

Assim, os escritores, ao produzirem textos em português, se voltam para um público bastante peculiar: seus compatriotas, i.e., aqueles que como eles se alfabetizaram, e os leitores de língua portuguesa em geral, potencialmente cúmplices do desejo dessa busca da identidade. A maioria da população desses países, consumidores virtuais de uma literatura em língua vernácula, é analfabeta. Num mundo em que a linguagem escrita é amplamente prestigiada, aquele que a domina torna-se também privilegiado. Daí, talvez a razão de os poetas se sentirem investidos de uma missão para com a coletividade. Vejamos o texto de Ovídio Martins, cabo-verdiano, pertencente ao período da luta armada pela libertação:

*Silêncio Cabo-verdianos!  
Choram irmãos nossos  
nas roças de São Tomé  
E há perigos e ameaças  
na noite  
grávida de punhais  
Prepara o braço  
serviçal!  
Dos olhos do poeta  
rolam lágrimas  
cor de sangue.*

A mensagem do texto dispensa comentários, dada a sua clareza de intenções, mas chama atenção para os vocativos que aparecem no poema: "cabo-verdianos" (generalizados) e "serviçal" (particularizado); torna-se imperativo o silêncio de todos para que se ouça o lamento, o choro dos irmãos nas roças de São Tomé — serviçais também. Ao mesmo tempo que exorta à luta, o poema adverte sobre os "perigos na noite grávida de punhais" — tempo que antecede a manhã, a luz, a luta armada. O olhar do poeta abarca a realidade na sua totalidade, daí a necessidade/legitimidade de sua voz ser ouvida. A visão do que lhe é revelado, extremamente dolorosa, causa as "lágrimas cor de sangue", diferentes, portanto, daquelas choradas por todos e por motivos quaisquer.

Esta literatura é singular, os poetas têm consciência disso, como atesta o poema de Agostinho Neto, angolano, intitulado "Para além da poesia":

*Lá no horizonte  
o fogo  
e as silhuetas escuras dos embondeiros  
de braços erguidos  
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas*

#### Poesia africana

*Na estrada  
a fila de carregadores bailundos  
gemendo sob o peso da crueira  
No quarto  
a mulatinha de olhos meigos  
retocando o rosto com rouge e pó-de-arroz  
A mulher de baixo dos panos fartos remexe as ancas*

*Na cama o homem insone pensando  
em comprar garfos e facas para comer à mesa*

*No céu o reflexo do fogo  
e as silhuetas dos homens negros batucando  
de braços erguidos  
No ar a melodia quente das marimbas*

#### Poesia africana

*E na estrada os carregadores  
no quarto a mulatinha  
na cama o homem insone  
O braseiro consumindo  
consumindo  
a terra quente dos horizontes em fogo.*



Não há explicitação do que seja "a poesia" em si, mas "para além da poesia" está a realidade do cotidiano da vaidosa "mulatinha de olhos meigos", do "homem insone", mas os embondeiros ao fundo e a "melodia quente das marimbas", realidades diversas mas concomitantes. Esta a poesia africana; o refrão reitera a idéia. Esta a poesia africana, e não a comumente lida. Não se pode ficar apenas no "poético", seja lá o que possa ser, expressão de um lirismo amoroso ou metafísico, busca de experimentalismos formais. A poesia africana radica na realidade; não se espere mais do que isso, se desculpa Hélder Proença, da Guiné-Bissau:

*É doloroso dir...  
Mas não tive tempo de respirar  
o hálito de s manhãs sonhadas.*

O plural da primeira pessoa irmana todos os poetas que, como ele, não se permitem "respirar o hálito das manhãs sonhadas". Hélder Proença, ao contrário de Agostinho Neto, nomeia a poesia que fica fora do texto: o inefável (o hálito da manhã) e o sonho ou desejo. Mas o poema traz um elemento novo com relação aos outros dois: o tempo, que ainda não houve para este lirismo.

Este realismo, que não dá lugar a maiores divagações, tem que dar conta do que é a Angola ou São Tomé e Príncipe, ou do que é ser cabo-verdiano ou moçambicano. Tem que dar conta da expropriação de tudo e todos que houve em passado mais ou menos recente, como mostra este fragmento, de autoria de Marcelino dos Santos, moçambicano:

*(...)  
Perdoa ó meu país a Adamastor  
se ele não soube  
deflagrar o furacão  
e arrastar para o fundo dos mares  
as caravelas europeias*

*Perdoa ó meu país  
às conchas e aos búzios da praia  
se não souberam anunciar  
o fogo  
a peste  
e o chicote  
que a História  
quis gravar  
nas páginas da tua história  
(...)*

É interessante notar o diálogo que o poema faz com *Os Lusíadas*, episódio do Adamastor; em primeiro lugar, por ser o poema da nacionalidade portuguesa, que narra ao mundo, através de um diálogo com o rei D. Sebastião, as façanhas dos portugueses ao longo da história, culminando na conquista do caminho para as Índias; é a louvação da dominação, do ponto de vista do dominador, claro. Adamastor, figura fantástica criada por Camões, alegoriza a natureza sendo vencida pelos lusitanos; é o Cabo das Tormentas, o Fim do Mar, o Medo.



No poema de Marcelino dos Santos, Adamastor é acusado de ter falhado na sua função de amedrontar e afastar os europeus que vieram após os portugueses, trazendo a peste, o fogo, a morte, a não-África.

Aliás, existem poemas que dialogam com outros textos poéticos, brasileiros também, mas invertendo o significado de seu simbolismo, numa subversão com rendimentos para a africanidade, como é o caso deste poema de Ovídio Martins, cabo-verdiano, intitulado "Antievasão":

*Pedirei  
Suplicarei  
Chorarei*

*Não vou para Pasárgada*

*Atrair-me-ei ao chão  
e prenderei nas mãos convulsas  
ervas e pedras de sangue*

*Não vou para Pasárgada*

*Gritarei  
Berrarei  
Matarei*

*Não vou para Pasárgada.*

A edênia Pasárgada de Manuel Bandeira, espaço do desejo por excelência, é negado em nome da realidade local do arquipélago, concreta, com toda a aridez que leva muitos a se evadirem, literalmente, em busca de melhores condições de vida alhures. A evasão, tanto a da poesia como aquela por que muitos optam, é negada. Há que se ficar com as "ervas e pedras de sangue".

A expectativa por parte da crítica literária mais progressista também não é outra, como se pode ver neste trecho de J.L. Pires Laranjeira, português, estudioso dedicado das literaturas africanas, que ele, como alguns outros críticos, denomina de "literatura calibanesca", numa alusão a Caliban, personagem shakespeariano da tragédia *Tempest* (Caliban é um canibal civilizado que acaba por expulsar da ilha em que vive a pessoa que o "civilizará"):

"(...) Estas questões, relacionadas com a *essência nacional*, podem ainda parecer pouco importantes quando se toma em consideração, por exemplo, um Uanhenga Xitu: é negro, nascido em Angola, aí foi educado e combateu o colonialismo; escreve em português amplamente incursionado de quimbundo; evidência uma cultura retintamente oral e ancestral, bebida de fontes populares, com sua graça e malícia, seus aforismos, suas deambulações lengalengadas, seu ritmo astral e terráqueo,

síncrono com tempos campestres, sem construtivismo ou vanguardismo de linguagem, sem simbolismos universalistas que os próprios do *mntu* em conflito com os do *mundo* (O Ocidente, o Colonialismo, a repressão, a negação do ser e do estar). Ele prefere, inclusive, assinar com o nome de nascimento, Uanhenga Xitu, em vez do de baptismo de aculturado, Agostinho Mendes de Carvalho. As suas "fotografias de autor", publicadas em Portugal nos livros das Edições 70, mostram-no de boina com insígnia, sem qualquer espécie de dandismo ou pose artística em retratos perfeitamente cotidianos. Não restam dúvidas de que Uanhenga Xitu é escritor angolano."

Os critérios de Pires Laranjeira para identificar a "essência nacional", neste caso, são os de uma realidade social que pode ser conferida no texto (a oralidade, as expressões crioulas, as fontes populares, sem maiores reelaborações de linguagens ou de imagens simbólicas); na biografia do autor (educação angolana, participação na luta contra o colonialismo) e mesmo na sua aparência física, que não copia modelos estereotipados

Que outras pátrias poderão aparecer nestas literaturas calibanescas, por ora, só o tempo poderá nos dizer. Estas literaturas passam até por um certo recesso de produção, pois a maioria dos escritores participam ativamente dos atuais governos, assumindo cargos de relevância. Mas com certeza está-se longe de poder dizer, como Ricardo Reis/Fernando Pessoa: "Prefiro rosas, meu amor, à Pátria".

#### O escritor: guerrilheiro que escreve ou poeta que luta?

É relativamente recente a preocupação em torno da função da literatura e do papel do escritor na sociedade. Camões, no Renascimento, nunca teve essa preocupação: "Numa mão a espada, a outra às musas dada". Ou seja, não havia confusão entre o soldado, com a espada, a serviço do rei, e a sua produção literária, fruto de engenho e arte, inspirados pelas musas.

No entanto, hoje esta questão aparece. Se não se pode escolher nascer com a inspiração de um Camões ou de um Fernando Pessoa, nem se pode escolher o momento histórico que se vive, com certeza se pode escolher o posicionamento ideológico. Daí a delicadeza com que se tem que percorrer tal terreno, uma vez que se esbarra sempre em subjetividades: do autor, do leitor, do crítico.

Na atual conjuntura das literaturas africanas de expressão portuguesa, tem havido um consenso em torno do que deve fazer o escritor calibanesco: pensar a sua realidade criticamente (de maneira

calibanesca), explicitar essa reflexão no seu texto, visando transformações calibanescas no seu meio, se impondo no mundo de maneira calibanesca.

Obviamente, como se pôde perceber até aqui, a leitura calibanesca, todavia, se confere no contexto. Se se for ler os textos, tanto prosa como poesia, com uma expectativa imanentista, quer dizer, esperando que o texto traga consigo toda a sua carga de significação, pode-se correr o risco de um entendimento equivocado. É preciso aprender a ler a Angola, o Cabo Verde, a Guiné-Bissau, o Moçambique, o São Tomé e Príncipe... Ou atrever-se a resultados literalmente surrealistas.

O acesso a esta literatura não é impossível, mas não é dos mais fáceis. Ou se tem edições portuguesas, raras, de autores individuais, ou se tem a coleção da editora Ática brasileira, que conta em sua seleção apenas um livro de poemas: *Sagrada esperança*, de Agostinho Neto; ou então conta-se com as antologias, que sempre dão uma visão panorâmica, com critérios, ou cronológico, ou biográfico, ou geográfico, ou temático. Há a famosa *Antologia temática da poesia africana* (portuguesa), em dois volumes, organizada por Mário de Andrade, datada de meados de 70, e mais recentemente a antologia organizada por Cremilda de Araújo Medina, editada no Brasil: *Sonha mamana África*. Por mais parciais e pessoais que possam ser tais amostragens, são sempre uma fonte útil e interessante de abordagem desse mundo desconhecido pela maioria de nós.

Para terminar, deixo o leitor com um poema de Francisco Delgado, que retirei da antologia *Literatura portuguesa em curso*, organizada por Dirce Riedel *et alii*, publicada em 1975, mas trabalhada antes das independências. A prof. Dirce retirou o poema de uma outra: *Antologia da poesia universitária* (portuguesa). O livro de Dirce Riedel, de objetivos didáticos, organiza os textos por temas, mas nada diz dos autores, alguns por demais conhecidos, outros totalmente desconhecidos, como é o caso de Francisco Delgado, do qual consta ser apenas de Luanda, Angola. Nada mais encontrei desse poeta nos outros livros que consultei. Nada sei sobre ele, se ficou para sempre em Portugal, se lutou contra o colonialismo, se morreu na guerrilha, se nunca mais escreveu. Como o leitor verá, não há indícios explícitos de calibanismo. Será literatura angolana? O que nos diz o texto sem o contexto?

*Onde estavas, amor que não te vi?*

*Eram cavalos-nevoeiro que montavas  
por entre as brisas redondas.  
Eram gritos de negro que escondias  
nos soluços de sombras  
Eram horizontes que temias  
nas noites despidas de sonatas.  
Eram mares de turbilhão que repelias  
no labirinto do vento.  
Eram cortinas de aranha que corrias  
no lamento  
dos desfalecidos inconcretos.  
Eram cinzentas cruzes que erguias  
em suspiros secretos.*

*E eu sem te ver, amor, e tu tão perto!*

*Era um mundo-jardim  
cigano e aberto  
desabrochando em teu regaço de silêncio:  
água corrente em desprender de lamas,  
caudal de labaredas emboscadas,  
faróis da noite em chamas,  
madrugadas.*

*Que longínquo país te habitava,  
que nevoeiro imenso te escondia,  
que febre de queimar te delirava,  
que tu estavas tão perto e te não via?*



Anamaria Filizola — professora de Literatura Portuguesa da UFRP

"EU SOU UM OUTRO"

Anjo caído, anjo terrível, anjo no exílio. O maior poeta-turista de todos os tempos. O primeiro homem branco a chegar a certos territórios inexplorados da linguagem, de outros continentes. Aos 16 anos, esse patife de olhos azuis, meio *beatnik*, meio gaulês como Asterix, descobre que poesia é correr mundo, correr todos os riscos, estar sempre a perigo. Com um punhado de manuscritos e pelo menos uma obra-prima ("O Barco Bêbado"), esse camponês vai pra Paris barbarizar a cena e a carete literária do *fin de siècle*, então infestado de brumas etéreas, dândis afetados e simbolismos.

Jean Nicholas Arthur Rimbaud (o "Heavy Metal Kid", como prefere Burroughs; "Mademoiselle Verlaine", para os inimigos ou simplesmente "Ramba", para os amigos) não estava brincando quando apareceu em Paris naquele inverno de 1871, com um papo muito estranho sobre "vidência" e "desorganização lenta, infinita e racional de todos os sentidos". No rosto, captado com sensibilidade no quadro de Fantin-Latour, um certo *air blasé*, blasfemo e ausente; ignorando os homens-de-lettras a sua volta, cheio de intenções "sérias" com a linguagem. Rimbaud figurava ali mais como um marginal entre marginais, "um jesus entre doutores". Entre as sessões de absinto e haxixe produzidas para regar as noitadas do *Cercle Zutique* (o círculo dos escritores barra-pesada de Paris), Rimbaud se entediava, era visto brigando ou mendigando nas ruas. Na mochila, sua eterna insatisfação com o "aqui e agora", o desejo de abraçar outros espaços, respirar outros ares, que o levou, enquanto poeta, a um dos silêncios mais perturbadores de que se tem notícia. Sua teoria e sua prática poética, porém, formulada em quatro anos, virou a pedra de Rosetta para as gerações deste século, influenciando movimentos e comportamentos: dos surrealistas a Artaud, dos beats aos punk, aos Titãs — e foi o estopim que detonou a revolução nas letras pós-modernas.

#### POESIA EM MOVIMENTO

Como um *kid* esquisito entediado em sua velha Charleville e com o fim das aulas, Rimbaud foge de casa em julho de 1870, para a Bélgica. No trem, compõe seus primeiros poemas "de viagem": "Ma Bohème" e "Cabaret Vert" retratam seu retorno a Charleville após essa primeira fuga frustrada. Cabeludo e piolhento, é preso e enviado de volta. Outras fugas se sucedem, de carona ou de trem, mas principalmente a pé, distâncias que Rimbaud cruzava com dois toques. Em 71 e 72, explode como poeta no círculo dos simbolistas e parnasianos, conseguindo mais confusão entre o pessoal "cabeça" do que a fama e o *status* literário.

Quando volta para casa em março de 1872, depois de temporadas em Londres, Bruxelas e Paris, Rimbaud se tranca no sótão da casa de campo da família, em Roche, e ali começa a desenvolver uma minipoética de câmara, cujos códigos, gírias internas e confissões poéticas,

# RIMBAUD

## UMAS FÉRIAS NO INFERNO

"Fevereiro", palavra que por si só abriga um minipoema em português, que vem de *fever*, febre. Nesse mês de férias, fúria e carnaval.

Nicolau traz toda a febre da breve aventura poética vivida na terra por Arthur Rimbaud, como uma lebre louca pelo deserto, apontando em direção a um Harar, *the horror*.



são possíveis de se decodificar "apenas por quem conhece partitura". Sua poesia, a partir desse retorno, e talvez pelo uso prolongado das drogas, vai apontar cada vez mais para uma rarefação do sentido, até se tornar uma escrita a ponto de não ter mais nada a dizer, significando um impasse, um conflito.

Em quatro anos de poesia e vidência, Rimbaud experimentou e arrebentou todos os cânones do "bem-escrever" em voga na época. Foi, na concepção de Ezra Pound, um mestre, um inventor

de novos caminhos. Dos sonetos "dissolventes", compostos durante as primeiras fugas. Do surpreendente "Vogais" até explodir colorido em sua "prosa-diamante"; à ruptura de "Une Saison en Enfer". Nesta sua última obra, Rimbaud inova com uma prosa sonora, revolucionária, de sintaxe bizarra e imagens súbitas, anunciando experiências futuras. Burroughs videografa Rimbaud: "Não há nenhuma frase minha, nenhuma imagem que não detecte a influência de Rimbaud".

Para ele, poesia era algo em movimento, e sonhava com a possibilidade de um texto total, uma língua comum que unisse todos os homens a uma prática poética universal. Burroughs, de novo, sobre o poeta: "É como se ele fosse um agente secreto enviado do espaço sideral, que não conseguisse decifrar sua mensagem com clareza". Rimbaud: *Rosebud*. Esse impasse, presente na última fase de sua poesia, é o da vida que não se sustenta apenas em palavras, é uma escrita que passa a impressão de "já se ter ido longe demais". Essa obsessão em perder toda a aura da IDENTIDADE e sumir no mundo, faz de Rimbaud uma espécie de Marco Polo dos nossos tempos. Seus últimos textos, aos 20 anos, antes do auto-exílio em seu Éden (Aden, Abissínia), representam um conflito fatal: é uma escrita que se esgota enquanto possibilidade de comunicação. Pela saturação de informações e uma sufocante auto-referência, o poeta sente-se incapaz de prosseguir. Era preciso desaparecer.

#### TRAFICANDO RIMBAUD

Os poemas traduzidos aqui tentam ser mais um percurso de climas, um roteiro textual das primeiras fugas, poemas de viagem, feitos por quem está sempre de passagem. Quase todos são da primeira safra (terá tido ele outras?), com exceção de "Mauvais Sang". Neste fragmento Rimbaud demonstra que a literatura não o interessava mais. Sua tentativa de desintoxicar, desintoxicar a linguagem, são seus últimos recados poéticos escritos. Anunciando o surrealismo e o *vers libre*, essas prosas atentam para a impossibilidade de materializar uma escrita que não se sustenta enquanto fora das margens. Essa "frasegmentação" de seu último texto é o registro mais cruel e atroz de uma mensagem impossível de se comunicar. A partir de 1872, a poesia de Rimbaud vira uma poética do fragmento, cheia de elipses, cortes rápidos, abstrações. O ato lírico desloca-se cada vez mais da expressão do conteúdo a um modo de ver ditatorial, sendo, portanto, uma técnica insólita de expressão.

Nossa tradução tenta ser, na medida do impossível, participativa, transitiva. Onde o sentido e o clima caminham juntos, ilustrem uma poética de estrada. Tentamos nos deter em sua aparente simplicidade, na objetividade visual — um lance de paisagens na imaginação. A poesia de Rimbaud, forte em fanfocia (imagens), gruda na retina. Além da elasticidade, da ironia, no uso inovador de gírias, palavrões. E, principalmente, a missão de traficar seu francês para nossos anos Rambo, equilibrando excessos.

Preferimos imaginar um Rimbaud de *ray-ban*, um peixe-de-briga descendo para as praias, tomando uma cerveja no Cabaré Verde, enquanto ouve um Tom Waits melancólico, como em "Rumble Fish": "É... quando se é jovem não se tem nada. Mas pelo menos se tem tempo".

R. G. L.

# RIMBAUD

## UMAS FÉRIAS NO INFERNO UNE SAISON EN ENFER

Tradução: Maurício Arruda Mendonça  
Rodrigo Garcia Lopes

*Ma Bohème. Fantaisie!*  
Je m'en allais, les poings dans mes poches crevées,  
Mon paletot aussi devenait idéal.  
J'allais sous le ciel, Muse, et j'étais ton féal.  
Oh là là, que d'amours splendides j'ai rêvées!

*mon unique culotte  
Petit-Poucet  
des rimes. M  
Je ne les ai  
Ces bons so  
de rosée à*



*des rimes, fantastiques  
is les élastiques  
un pied contre mon cœur!*  
Arthur Rimbaud

### 1. MA BOHÈME

*Je m'en allais, les poings dans mes poches crevées.  
Mon paletot aussi devenait idéal.  
J'allais sous le ciel, Muse, et j'étais ton féal.  
Oh là là, que d'amours splendides j'ai rêvées!*

*Mon unique culotte avait un large trou.  
Petit-Poucet rêveur, j'égrenais dans ma course  
Des rimes. Mon auberge était à la Grande-Ourse.  
Mes étoiles au ciel avaient un doux frou-frou.*

*Et je les écoutais, assis au bord des routes,  
Ces bons soirs de septembre où je sentais des gouttes  
De rosée à mon front, comme un vin de vigueur;*

*Où, rimant au milieu des ombres fantastiques,  
Comme des lyres, je tirais les élastiques  
De mes souliers blessés, un pied contre mon cœur!*

### 1. VADIAGEM

*Eu me mandava, mãos metidas nos bolsos  
Rebentados, meu casaco já quase legal,  
Seguindo sob o céu, Musa, fiel a você;  
Uau! — Que sonhos sacanas eu fui ter!*

*Minhas calças abriam um rombo enorme.  
Pequeno Polegar sonhador, dichavando rimas  
Pela estrada. Minha pensão era a Ursa Maior,  
E as estrelas rasgavam seda lá em cima.*

*Eu ouvindo tudo, sentado à beira do caminho,  
Nestas noites chocantes de setembro, sentindo  
O sereno na testa feito vinho tinto.*

*Onde, no meio de sombras fantásticas, rimando,  
Puxava o elástico de minhas botas gastas,  
Tocando — lira — um pé contra o coração.*



### 2. AU CABARET-VERT

*cinq heures du soir*

*Depuis huit jours, j'avais déchiré mes bottines  
Aux cailloux des chemins; j'entrais à Charleroi.  
Au Cabaret-Vert, je demandai des tartines  
De beurre et du jambon qui fût à moitié froid.*

*Bien hereux, j'allongeai les jambes sous la table  
Verte; je contemplai les sujets très naïfs  
De la tapisserie. Et ce fu adorable  
Quand la fille aux tétos énormes, aux yeux vifs,*

*— Celle-là, ce n'est pas un baiser qui l'épeure! —  
Rieuse, m'apporta des tartines de beurre,  
Du jambon tiède un plat coloré.*

*Du jambon rose et blanc parfumé d'une gousse  
D'ail, et m'emplit la chope immense avec sa mousse  
Que dorait un rayon de soleil arrière.*

### 2. CABARÉ VERDE

*cinco da tarde*

*Com as botas furadas, oitavo dia já  
Na pedreira da estrada, cheguei em Charleroi.  
No Cabaré Verde, pedi pão com manteiga  
E um perrnil, meio frio.*

*Feliz da vida, estiquei as pernas sob a mesa  
Verde, e fiquei curtindo os detalhes bregas  
Da tapeçaria. Foi um barato quando  
Uma mina de enormes peitos e olhos espertos,*

*— Daquelas que não ficam só nos beijos —  
Rindo à beça, trouxe o pão com manteiga  
E o perrnil num prato colorido.*

*Perrnil gordo, perfumado por uma cabeça  
De alho. Uma loura suada, sua espuma imensa  
Dourada pelo sol descendo naquele lugar.*

### 3. DÉLIRES II (fragmento)

*Oh! le moucheron enivré à la pissotière de l'auberge,  
amoureux de la bourrache, et que dissout un rayon!*

### 3. DELÍRIOS II (fragmento)

*mosca bêbada  
no banheiro do bar  
namorando a merda  
que o sol  
dissolve*



#### 4. VENUS ANADYOMÈNE

Comme d'un cercueil vert en fer-blanc, une tête  
De femme à cheveux bruns, fortement pommadés,  
D'un vieille baignoire émerge, lente et bête,  
Montrant des déficits assez mal ravautés,

Puis le col gras et gris, les larges omoplates  
Qui saillent, le dos court qui rentre et qui ressort.  
La graisse sous la peau paraît en feuilles plates,  
Et les rondeurs des reins semblent prendre l'essor

L'échine est un peu rouge; et le tout sent un goût  
Horrible étrangement. On remarque surtout  
Des singularités, qu'il faut voir à la loupe.

Les reins portent deux mots gravés: Clara Venus  
— Et tout ce corps remue et tend sa large croupe,  
Belle, hideusement, d'un ulcère à l'anus.



#### 5. MAUVAIS SANG

Me voici sur la plage armoricaine. Que les villes  
s'allument dans le soir. Ma journée est fait;  
je quitte l'Europe. L'air marin brûlera mes poumons;  
les climats perdus me tanneront. Nager, broyer  
l'herbe, chasser, fumer surtout; boire des liquers  
fortes comme du métal bouillant, — comme faisaient  
ce chers ancêtres autour des feux.  
Je reviendrai, avec des membres de fer, la peau  
sombre, l'oeil furieux: sur mon masque, on me  
jugera d'une race forte. J'aurai de l'or: je serai  
oisif et brutal. Les femmes soignent ces féroces  
infirmes retour des pays chaudes. Je serai mêlé  
aux affaires politiques. Sauvé.  
Maintenant je suis maudit, j'ai horreur de la patrie.  
Le meilleur, c'est un sommeil bien ivre sur la grève.

#### 5. SANGUE RUIM

Eu aqui, na praia armoricana. As cidades  
que se iluminem sem mim. Missão cumprida;  
me mandar daqui. A maresia queima meus pulmões;  
me bronzear em outros climas. Nadar, pisar  
na grama, caçar e — claro — puxar fumo; beber licores  
fortes como metal ardente, — como meus ancestrais  
faziam em volta do fogo.  
Um dia volto, cheio de energia, a pele negra,  
os olhos agressivos: com essa máscara, passarei  
por um selvagem. Terrei ouro: serei  
vagabundo e violento. As mulheres sempre cuidam desses  
doentes que voltam dos países quentes. Vou me sujar  
na política. Perfeito.  
Agora sou maldito, e odeio meu país.  
O jeito é dormir, bêbado, na praia.

Bees rimes. Monanberge, é dit à la Grande Cécile,  
Gros étoiles au ciel assaibent un doux feu, feu

Et je les ai: ... comme un je ...  
Ce se rote à mon front, comme un ...  
Où, rimant au milieu des ombres ...  
Comme des lys, je dirais les ...  
De mes, souliez, bleus, un pied ...

Arthur Rimbaud

#### 4. VÊNUS ANADIÔMENE

Como de um caixão enferrujado, uma cabeça  
De mulher, cabelos sujos e empastados,  
De uma banheira podre emerge, lerda e besta,  
Com buracos pobremente remendados,

O pescoço grosso e cinza, as largas omoplatas  
Se levantam, o dorso encolhe e se distende.  
Seu lombo redondo salta de repente  
Sobre a banha que despenca em placas.

O rabo é meio roxo; e tudo nele tem um gosto  
Estranhamente horrível. Acha-se, no resto,  
Detalhes que requerem lupa.

Nos rins, gravada, uma palavra dupla: Clara Vênus  
— E todo o corpo avança e balança a bunda imensa,  
Horrorosamente bela, com uma úlcera no ânus.

#### 6. ÉTERNITÉ

Elle est retrouvée.  
Quoi? L'éternité.  
C'est la mer allée  
Avec le soleil.



# RIMBAUD



#### NOTAS, rotas

VADIAGEM — Nossa viagem começa com este soneto, escrito numa das primeiras fugas de Rimbaud para Bruxelas e Paris, em julho de 1870. Aos 16 anos, ele já rompia com a forma tradicional do soneto, valendo-se de gírias e expressões inusitadas. A tradução tenta passar o seu barato adolescente, o lado *easy-rider* de Rimbaud.

CABARÉ VERDE — Outro de seus poemas "de viagem", da mesma safra de "Vadiagem". Situado numa das saídas de Charleville (a "Charlerroâ" do poema), o Cabaré Verde e suas garçometes charmosas inspiraram Rimbaud a compor este poema. Ezra Pound: "Em poemas assim como este a imagem surge limpa, livre de palavras sem função, lembrando os melhores momentos de fanopéia atingidas por Li Tai Po e Catulo". Preciso e economia. Pura fanopéia: um lance de dados na imaginação visual. Cabaré Verde é uma paisagem dinâmica, puro cinema. A ação se passa onde a imaginação se fixa, detalhes enfocados por quem está sempre de passagem, notas tomadas ao acaso, no meio de um safári.

DELÍRIOS II — Como não curtir esse perfeito *haiku*, incrustado no meio da prosa de "Une Saison", que lembra, pela sua visão fatalista e paixão pelos seres mais sórdidos, a religiosidade budista de um Issa?

VÊNUS ANADIÔMENE — Este soneto "dissonante" — já traduzido por Augusto de Campos em seu livro "Verso, Reverso e Controverso" — era uma das investidas de Rimbaud contra o padrão de beleza em voga na poesia francesa da época. Versão *punk* do clássico da mitologia grega: o nascimento de Vênus numa concha, das espumas do mar. Escrito em 27 de julho de 1870, o poema dá mostra das possibilidades verbais de Rimbaud e de seu perfeito domínio do material poético. Imagens que agradem pela objetividade visual.

SANGUE RUIM — Outro fragmento do "Une Saison en Enfer", posterior às "Illuminuras". Provavelmente um de seus últimos textos antes do silêncio e do exílio na Abissínia.

A ETERNIDADE — Transcrição de um fragmento do poema "L'Éternité", numa homenagem à *troika* concretista (Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos). Pensamos aqui em captar o impacto da visão do sol se pondo — ou nascendo, tanto faz — no mar. Uma fusão: a lua (contida na letra "a") mergulhando no mar enquanto o sol ("o") nasce e vice-versa. Fim de viagem.

## SUTTIL: DIARIONAUTA DE UM SONAMBULISTA

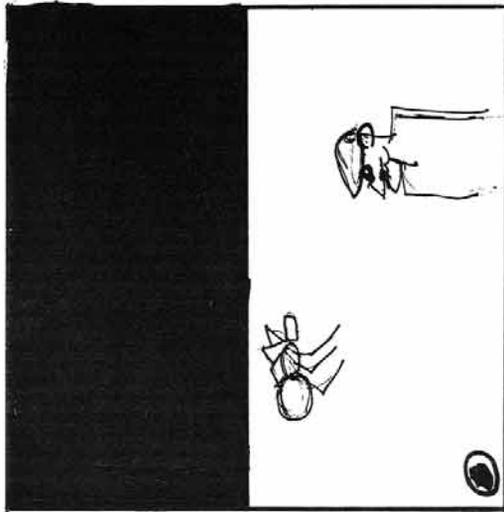
"A primeira história em quadrinhos produzida especialmente para insetos".  
Uma idéia dessas só podia sair mesmo da cabeça de alguém muito sutil, ou melhor, Rui Suttill, "21", programador visual há três anos, quadrinista ocasional e um sonâmbulo profissional. Quando pinta a insônia (quando estamos sos, ouvindo só mesmo o som dos insetos), ele recorrendo a desenhá-los como depois de uma dose excessiva de drámins. Suttill tenta explicar seu método: "É como se você visse a legenda antes, ou o quadrinho antes, ou os dois juntos antes — mas isso não faz qualquer diferença".

*Diaronauta de um Sonambulista* é um minimanual de ocupação estratégica, com dicas para humanóides e esquisitos em geral, mais dirigido para um público muitíssimo restrito: traças, aracnídeos, pulgas, carrapatos e certos insetos. Claro: não poderia deixar de existir nessa epopéia inseticida o elemento *nonsense* e a figura da ironia, típica dos rossos dias. E que estão presentes no traço despojado e minimal de Suttill, meio assim mesmo, e cheio de toques sem retoques mas nem um pouco dado a sutilezas. Essa HQ podia muito bem sair de uma página de Kafka ou de um Poe, com os insetos e outros bichos escrotos insistindo em sair dos esgotos e perturbar o silêncio dos que não conseguem dormir.

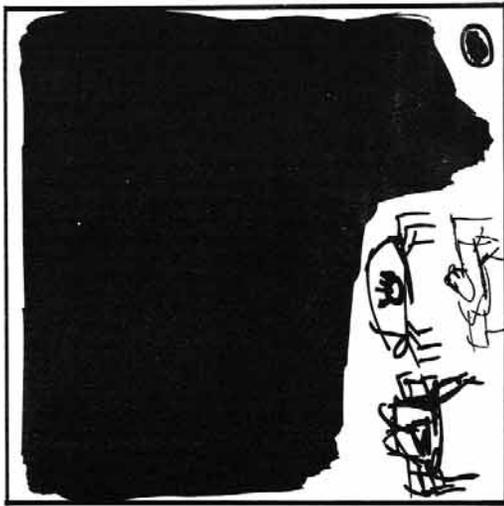
Algo nos diz pra ver Suttill.



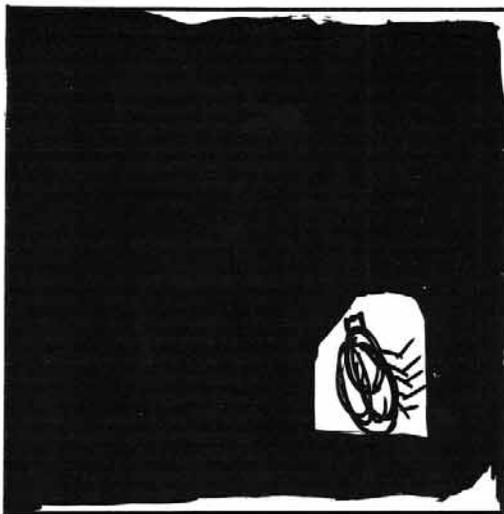
**1** Aranhas tomaram conta do canto mais escuro do meu quarto, eu não tinha dúvida: travar-se-ia uma guerra médica debaixo do guarda-roupa.



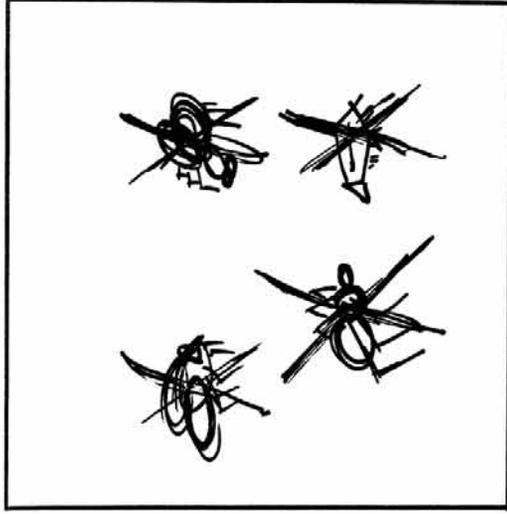
**2** Bandeiras brancas, uma trégua de 15m, para os técnicos examinarem os times. Tudo parecia calmo em Lilliputi, o beduíno interpreta o alcorão e as mil e uma noites, mas o confronto é inevitável.



**3** As falanges estão chegando, se fodam as baratas, bichas asquerosas, ninguém confia em baratas, suas fotocas e intrigas, sua estratégia militar. Moram em conventos e igrejas e adoram as confissões de beatas. Maquiavélicas.



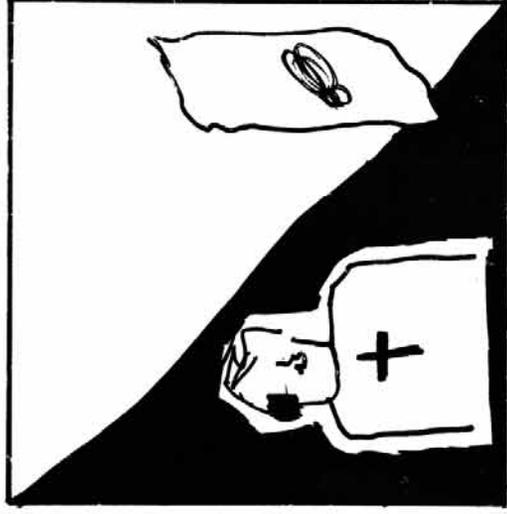
**4** Nunca dê as costas às baratas, maniacas suicidas, ao menor descuido se metem nos sapatos e foi-se a meia nova.



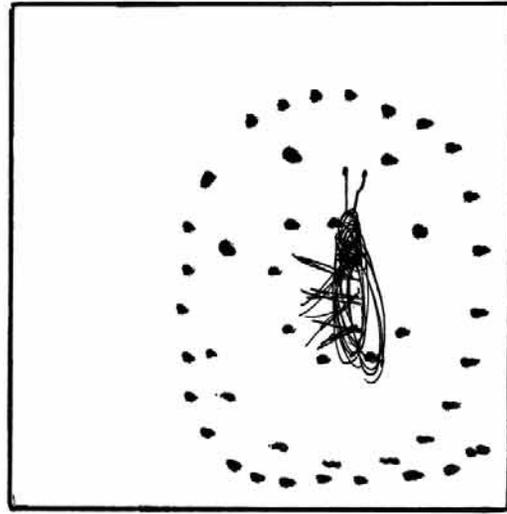
**5** Aranhas escancaram mandíbulas, as baratas estão cercadas, formigas voadoras incandescentes explodem Pearl Harbour.



**6** Pobres aranhas judaico-americanas, cantam uma velha balada, já batendo em retrada. *All you need is love.*



**7** O pobre abade clama por justiça ao ver tanto sangue coagulado na cortina.



**8** Acabou o delatón com protex-proteje-o-nenê. As baratas têm asas mas não sabem voar. *Aiolós muchachias.*



**9** Pulgas enlouquecidas mordem o olho e a orelha de moscas destalecidas na janela. E o caos.



**10** Ao amanhecer tenho um quarto 3x4 só pra mim. Os cupins roem minhas unhas e a cartilagem do meu nariz. Papai Geppeto não me ensinou a mentir e protesta: — isto não tem pé nem cabeça.

Demais o *Nicolau*/19 que tem a entrevista com o Leminski. Nunca tinha visto um papo tão incisivo dele. Curti demais o barato de encontrar gente que tem ainda a coragem de ser sincera. E quando a gente encontra um texto bom a gente saca no ato.

Sutileza e elegância. A diferença delícia.

Eu queria que o *Nicolau* tivesse a coragem de publicar todo mês entrevistas como a do Leminski. Ele está certo: o Brasil é uma merda porque os brasileiros são uma merda. E isso tem a ver com todo mundo. O *Nicolau* não tem a obrigação de dar lucro. O *Nicolau* é sustentado com o nosso dinheiro. O *Nicolau* tem a obrigação de divulgar informação de primeira e não ficar passando uma informação minguada para as novas gerações que vão assumir essa baúca. A velhada ou já fez o que tinha que fazer ou não vai fazer mais. E a moçada que está vindo aí? Vai viver no vácuo da covardia dessa geração de agora que acha que o máximo é levantar às oito da manhã, enfiar-se num terno e gravata e sair para ganhar a vida, disposto a dizer sim a tudo? De qualquer forma, todo mundo um dia vai quebrar a cara definitivamente. Vai zerar. Vai se extinguir.

Não quero fazer esse jornalismo medíocre que estão fazendo. Não quero fazer essa poesia medíocre que estão fazendo. E não quero ficar provando nada a ninguém. Estou cansado dos editoriais criticando a podridão do governo. A *Folha de São Paulo* crítica e paga mal os "escravos" dela. E limita. E poda. E instaura um clima de terrorismo na redação. A *IstoÉ* critica e enrola, não paga, aplica o dinheiro dos colaboradores no *over* e paga com atraso. O jornalismo pós-moderno brasileiro é encartado a mão, de madrugada, por uma sub-raça de peões que ganham uma miséria e não podem nem entrar no prédio do jornal. É podridão. Cheira mal, e quem é que vai dizer isso? O Leminski vai e diz, e aí todo mundo fica ouziado, mas parece que no dia seguinte já esqueceram tudo.

Será que a gente vai ter que morrer angustiado para provar que não tivemos coragem suficiente de sair por aí de peito aberto, disposto a tudo?

Quem cria tem mais charme.

Ademir Assunção. São Paulo - SP.

# cartas na página

É realmente muito bom saber que num país como o nosso (onde a cultura é menosprezada e massacrada) um jornal como o *Nicolau* possa existir com uma proposta ousada de discutir assuntos dos mais variados, com a profundidade e "novidade" que nossos insossos jornais diários não conseguem mais. O que me surpreende mais em *Nicolau* é seu dinamismo, mostrando a quem ainda está com um pé no século passado que é possível vida inteligente em nosso jornalismo. Muito atrevido esse *Nicolau*, hein? Entrevistas interessantíssimas (como a do Leminski!), traduções ousadas e criativas, além do time de colaboradores: Alice Ruiz, Haroldo de Campos, Armando Freitas Filho, Néstor Perlongher e tantos outros. Evoé a todos do *Nicolau*!

Mário Lessa. Rio de Janeiro - RJ.

Conheci há pouco tempo o jornal *Nicolau* e fiquei espantado pela sua originalidade. É um veículo, talvez único no país, que sabe aliar informação, e, principalmente, uma grande criatividade artística. Isso o faz especial, pois pra se fazer arte e preciso ousar/innovar/protestar/encantar, e isso *Nicolau* alcançou com mestria.

Suênio Campos Lucena. João Pessoa - PB.

## CONFIDIAN

### MANIFESTO DOS ESCRITORES PARANAENSES EM DEFESA DO ESCRITOR SALMAN RUSHDIE

Nós, escritores paranaenses, profundamente chocados com a onda obscurantista desencadeada por líderes iranianos ao condenarem à morte o escritor Salman Rushdie, autor de "*Versos Satânicos*", sob pretexto de que tal obra ofende a religião muçulmana, vimos a público expressar nossa indignação e repulsa frente a qualquer ato que viole o direito inquestionável do ser humano à liberdade, ao livre pensamento, à expressão de suas convicções, e reafirmar nossa certeza de que nenhum pretexto, seja de que ordem for, pode justificar ações de censura, pois a liberdade em geral e a liberdade de expressão em particular são valores em si, não cabendo subordiná-los a crenças ou interesses de quaisquer grupos, sejam eles religiosos, políticos ou militares, ainda que se imaginem os definitivos detentores da Verdade.

A par disso, queremos deixar clara nossa reprovação veemente a esta "condenação à morte" que, além de ferir os direitos fundamentais acima referidos, fere os mais simples e elementares princípios do direito civilizado, inclusive aqueles de natureza internacional.

Desta forma, nos colocamos ao lado do escritor Salman Rushdie e daqueles que exigem que o governo iraniano reconsidere as decisões anunciadas, que violentam e envergonham a consciência civilizada.

Curitiba, 22 de fevereiro de 1989

Assinaram o manifesto acima, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, numa iniciativa pioneira no Brasil de repúdio à mais recente expressão de obscurantismo de Khomeini, os escritores: Valêncio Xavier; Cláudio Lacerda; Regina Benitez; Walmor Marcelino; Werneck; Rosirene Gemael; Helena Kolody; Túlio Vargas; Wilson Bueno; Lígia Lopes dos Santos; Domingos Pellegrini; Nelson Capucho; Marcos Losnak; Roberto Gomes; Paulo Venturelli; Moisés Paciornik; Sebastião de França; José Carlos Correia Leite; Paulo Leminski; Cristóvão Tezza; Jamil Snege; Josely Vianna Baptista; David Carneiro; Manoel Carlos Karam; Rodrigo Garcia Lopes; Maurício Arruda Mendonça; Sérgio Rubens Sossella; Pompília Lopes dos Santos

Tenho lido mês a mês e me deliciao mais e mais, e, sem qualquer egoísmo, vou passando adiante (como se fazia, nos tempos negros da repressão, com os jornais clandestinos) cada exemplar do *Nicolau*. E só ouço elogios, como se eu fosse o editor do jornal.

No entanto, não devo, não devemos estar sempre otimistas. Tudo passa. Agora mesmo mandaram fechar o bom suplemento literário *Amazonas*, editado pela imprensa oficial daquele estado. Enquanto isso, os carros de chapa branca circulam para lá e para cá. E mil gastos supérfluos se fazem com o dinheiro público. Sem falarmos nas bandalheiras, nas corrupções.

Espero que o *Nicolau* sobreviva a muitos governantes. Mas quem me dará garantia disso?

Nilton Maciel. Brasília - DF.

Lendo *Cartas de Mario de Andrade a Alvaro Lins*, da José Olympio, lembrei imediatamente do *Nicolau*. Mário apresenta a Alvaro que, a partir de 42, ele sente que os suplementos literários estavam perdendo sua vez, e que desapareciam muito antes dos jornais, nos quais eram atração dominical.

O que de fato aconteceu.

O que tem isso a ver com o *Nicolau*?

Desde o primeiro número, o *Nicolau*, suplemento sem jornal obrigatório, vem recuperando a contribuição importante que os suplementos literários sempre tiveram e os fazem valer por si. A oração subordinada tornou-se principal.

Nailor Marques Júnior. Maringá-PR.

Estive lendo o n.º 17 do *Nicolau* e me pareceu de excelente nível, pelos temas que aborda e pela maneira como o fazem. Tem um ótimo corpo de colaboradores. Me disseram que foram publicadas algumas passagens do livro *El Canto Replandeciente* (porém não me consta), fato que me alegrou por tudo que acabo de expressar.

Carlos Martínez Gamba. Misiones - Argentina.

Gostaria de parabenizar a todos os profissionais envolvidos com *Nicolau*, pois fazem deste veículo um símbolo de amor à arte e à cultura nacional, já que raras vezes me vi na oportunidade de folhear um suplemento com tão notável desempenho de contribuição ao nosso sofrido cenário artístico. Importante destacar também que todo o resto do país já se deu conta, não só da existência, mas principalmente da importância desse grande trabalho paranaense.

Luís Eduardo Cândido. Londrina - PR.

Gostaria de saber onde posso adquirir o livro *Resistência Democrática - A Repressão no Paraná*, de Milton Ivan Heller.

Névio Miotto. Japurá - PR.

\*\* Você pode adquirir o livro através do reembolso postal. Pedidos à Editora Paz e Terra, Rua do Triunfo, 177. CEP 01212. São Paulo - SP.

### PROJETOS CULTURAIS

Com a proposta de incentivar investimentos na área cultural e estimular a criação através da captação de recursos via Lei Sarney, a Secretaria da Cultura publicou dois volumes — "38 Projetos" e "Lei Sarney: incentivos fiscais à cultura" —, oportunos guias para orientar os contribuintes do Imposto de Renda a investir nos projetos culturais apresentados.

Os projetos têm como objetivo, além de estimular a criação, ampliar espaços para a circulação de bens culturais e preservar imóveis que abriguem órgãos de cultura a serviço do Estado.

A Secretaria conta com uma Assessoria de Investimentos Culturais, composta por técnicos em captação de recursos, aptos a prestar todas as informações aos interessados em investir na área da cultura.

Os telefones para contato são (041) 225-7117, ramal 23 ou 57 e (041) 232-6095.

# CONFIDIAN



# JOÃO MANUEL SIMÕES

## INTERSTÍCIO

Entre o corpo pretérito  
(ou contemporâneo)  
e as cinzas póstumas  
(inevitáveis)  
pulsa  
um intervalo  
de sangue e nervos.

Chama-se a isso vida, claro  
interregno entre obscuros  
nadas.

(Noves fora,  
tudo).

## ORLA

Matina: m'illumino d'imenso.  
UNGARETTI

Caminhava na praia, lento e grave.  
O olhar do sol, oblíquo  
como um gládio,  
acendia-lhe o bronze  
das espáduas.

Recortada no azul, a silhueta  
lembrava Apolo ou Hércules.

La chutando as ondas, distraído,  
inventando galáxias de espuma.  
(Como se fora Deus,  
absorto em seu ofício  
de ser um deus divinamente  
humano).

## POEMETO

Invento largas pérgulas  
de sonho e de cristal  
onde a cobra do tédio  
se espreguiça, letal.

Nelas, meu ócio finge  
não ser, embora seja  
como um rosto de esfinge  
que quer, mas não deseja.

Mas quer o quê? Não sei  
ao certo. E ninguém sabe.  
Ignorá-lo é a lei.  
Até que o mundo acabe.

# JOÃO MANUEL SIMÕES